

2019

DIA MISSIONÁRIO SALESIANO

O PRIMEIRO ANÚNCIO ENTRE OS REFUGIADOS
E DESLOCADOS NA ÁFRICA

...ALGUNS,
SEM O PERCEBER,
HOSPEDARAM ANJOS.

(HB 13,2)



SETOR DAS MISSÕES SALESIANAS

WWW.SDB.ORG

EXPLICAÇÃO DO PÔSTER

EIS O TEMA DO DMS 2019:

“ALGUNS, SEM O PERCEBER, HOSPEDARAM ANJOS” (Hb 13,2)

O pôster apresenta **duas jovens africanas**. Uma acolhe a outra. É um símbolo do valor da hospitalidade africana: A África acolhe a África. São duas jovens serenas com um belo vestido. Representa a alegria de acolher e ser acolhido, e também a dignidade com a qual é revestida toda a pessoa humana que acolhemos. O tema missionário é expresso com o texto de *Hb 13,2* que fala da virtude bíblica da hospitalidade, ligada com o conhecido episódio, no qual Abraão acolhe os três mensageiros de Deus, antes o próprio Deus. A iconografia oriental expressou de muitas formas o mistério da Santíssima Trindade representado por estes misteriosos hóspedes. A imagem destes anjos nas moças, responde também ao elevado número de outras jovens presentes nos campos de refugiados, que fogem por muitos motivos e pelas violências a que estão sujeitas nos lugares de conflitos.

O tema é de grande atualidade: as **migrações**. Todos os Países estão envolvidos de uma forma ou de outra nesta realidade, que interpela a nossa fé. Mas a maior migração dos nossos dias é a intra-africana, onde milhões de pessoas são forçadas a deslocamentos (cerca de 24 milhões), como refugiados e deslocados internos, sem contar os milhões de pessoas que por motivos econômicos e climáticos deixam o seu lugar de origem.

No fundo veem-se **os campos ou assentamentos** dos refugiados, na sua realidade precária: as tendas, alguns trabalhos duros, a busca do essencial: a água e a alimentação, a presença massiva de crianças e mulheres. Veem-se também as atividades pastorais e educativas, particularmente a formação profissional; e os Salesianos presentes que partilham a vida com os refugiados e deslocados. O anúncio e o acolhimento do Evangelho são muito significativos para os refugiados: é um sopro de esperança e um sentir-se comunidade-Igreja na força da fé, na esperança e no amor.

O tema focaliza a nossa atenção no desafio desta **fronteira plena de jovens**, que aguardam a amizade dos salesianos, os seus oratórios, escolas, a formação profissional... e a Boa Notícia de Jesus.

O tema é uma oportunidade preciosa para as nossas comunidades educativo-pastorais promoverem a virtude evangélica **da hospitalidade**, a capacidade de acolhimento, de abrir as nossas casas, as nossas mãos, o nosso coração aos outros, especialmente a quem se encontra em mais necessidade. Ao fazê-lo, hospedamos anjos; antes, acolhemos o mesmo Senhor.



Índice

Explicação do Poster	2
Índice	3
Carta do Reitor-Mor	4
Carta do Conselheiro para as Missões Salesianas	5
Dia Missionário Salesiano: Uma tradição que continua	7
Tema Geral para este Sexênio: O Primeiro Anúncio	9
A mobilidade humana hoje	11
Alguns, sem o perceber, hospedaram anjos (<i>Hb 13,2</i>)	16
Palavras do Papa Francisco	21
A missão é hospitalidade	25
Dom Bosco e os migrantes	28
Gambella, fronteira ocidental da Etiópia	30
Kakuma	34
Palabek	37
Testemunho de P. Papi Reddy, sdb	40
Testemunho de P. Charles Taban, sdb	42
Testemunho de Daniel Kolonga, sdb	44
Dois anjos <i>Acholi</i> : David e Gildo, mártires	47
Santos Africanos: Santa Josefina Bakhita	49
Projeto Palabek	51
Oração	52



CARTA DO REITOR-MOR

Já tinha comunicado a todos os irmãos, na conclusão do ano bicentenário de nascimento do nosso Pai Dom Bosco, que o meu sonho é o de uma **congregação** – e também de toda a Família Salesiana – que seja cada vez mais **missionária**. A nossa presença entre os jovens refugiados em todo o mundo é sem dúvida um sinal claro de que este sonho é já uma realidade evidente e convincente.

Que podemos fazer nestes contextos e no meio destes jovens mais necessitados e deste povo tão descartado e muitas vezes tão perseguido? Pude constatá-lo numa das minhas visitas: a nossa autoridade salesiana é a nossa **presença**, até às últimas consequências. Os Salesianos, especialmente na África, não vão ao encontro dos refugiados simplesmente para lhes dar coisas, dizer belas palavras e depois ir-se embora. Os filhos de Dom Bosco estão já hoje presentes em cada um destes contextos antes de tudo para ficar.



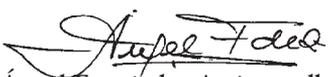
Mas esta presença e este ficar têm ao mesmo tempo uma clara identidade. Estão no meio dos mais pobres – e devemos estar cada vez mais e em toda a parte – entre os mais dramaticamente pobres, como é o caso daqueles que se encontram nos campos de refugiados na África, mas estamos lá com uma clara **identidade salesiana**. Estamos nos campos de refugiados, antes de tudo, como

“sinais e portadores do amor de Deus aos jovens”. Não só como “eficientes portadores” de segurança, alimentação, casa, água, saúde, educação, etc., mas, antes de tudo, como sinais. Não estamos lá para resolver todos os seus problemas, mas como consagrados e seguindo o apelo do Papa Francisco, a fim de contribuir para “despertar o mundo” que muitas vezes dorme hipnotizado pela indiferença ou na busca egoísta do mero conforto.

À luz do **Lema** deste ano 2019, caríssimos irmãos, digo-vos mais: é possível ser **santo e santa num campo de refugiados**. Os consagrados e os missionários que lá vivem e trabalham dão já testemunho disso. Os jovens e muita gente fazem deste seu calvário um verdadeiro caminho de santidade salesiana. Escutareis e vereis isso seguindo com atenção e com emoção os testemunhos reportados nos vídeos que o Setor Missões diligentemente preparou para este Dia Missionário Salesiano 2019.

Que do coração missionário do nosso querido Dom Bosco cada comunidade salesiana do mundo possa haurir abundantes inspirações a fim de responder com prontidão e criatividade ao apelo insistente dos jovens mais pobres e abandonados.

Com imenso afeto,


Pe. Ángel Fernández Artime, sdb
Reitor-Mor



CARTA DO CONSELHEIRO PARA AS MISSÕES SALESIANAS

O tema e o material do Dia Missionário Salesiano de cada ano são um instrumento e uma “arma” preciosa nas mãos do Delegado Inpetorial/Provincial de Animação Missionária (DIAM ou DPAM)). Mais do que querer suscitar na Congregação curiosidade por zonas, culturas ou situações nunca vistas ou pensadas, o DMS pretende ser para todas as comunidades uma ocasião única para manter vivo nas Inspetorias o espírito missionário.

Convido, portanto, este ano todos os Delegados Inspetoriais/Provinciais da Animação Missionária a:

1. Desenvolver cada vez mais o seu **ser “sentinela”** dentro da Inspetoria/Província, como diz claramente o Manual renovado: *“O DIAM é ‘a sentinela missionária’ de cada Província. Promove nela a cultura missionária, bem como o compromisso pela missão ‘ad gentes’, pelo primeiro anúncio e pela nova evangelização”* (n. 6).

A presença salesiana entre os refugiados, em particular na África, foi sempre fruto e consequência de salesianos que foram capazes de estar atentos e de responder a situações dramáticas dos mais pobres, sobretudo dos jovens. No último caso vivido pela Congregação em relação aos refugiados sul-sudaneses presentes no norte da Uganda, a resposta atempada e generosa foi também fruto de uma chamada explícita feita pelo Reitor-Mor. Em todo o caso, compete a cada DIAM dentro da própria província ajudar irmãos





e comunidades a não se fechar e a ser dinâmicos e corajosamente abertos para poder responder a tempo e com inteligência às necessidades dos jovens mais pobres.

Este ser missionário torna-se portanto expressão do otimismo salesiano: “O Salesiano não desanima diante das dificuldades (...) evita lamentar-se do tempo em que vive” (Constituições 17).

2. *Despertar nos jovens irmãos em formação inicial um verdadeiro amor pelos jovens mais pobres,*

a paixão de dar as suas vidas até ao último respiro em favor dos mais esquecidos e descartados. Todo o processo da formação inicial deve ajudar a reforçar ou a suscitar esta disposição e esta capacidade. Peço aos DIAM que saibam interagir corresponsavelmente com os Delgados Provinciais da Formação e as suas equipas, e com as diversas equipas

das casas de formação inicial, para assegurar, na gradualidade das suas experiências apostólicas, esta iniciação ao trabalho salesiano entre os jovens mais pobres. É necessário preparar a este nível os programas *ad hoc*. Cada salesiano deveria chegar ao fim da sua formação inicial tendo feito experiências significativas e devidamente avaliadas. Este efetivo e real amor do jovem salesiano pelos jovens mais pobres é sem dúvida um elemento determinante para o discernimento e para o acompanhamento vocacional.

3. Finalmente, convido cada DIAM a fazer deste Dia Missionário Salesiano 2019 uma ocasião única para ***promover uma solidariedade efetiva***. Através de diversas iniciativas é possível envolver muitos jovens, crianças, famílias, leigos, em gestos concretos de proximidade e de ajuda a estas comunidades salesianas que na África trabalham hoje com os jovens refugiados. Mas ao mesmo tempo o Dia Missionário torna-se uma oportunidade para reforçar ou relançar alguns programas de educação à mundialidade e à efetiva promoção daquilo a que o Papa Francisco gosta de chamar a “globalização da solidariedade”. O conhecimento, o interesse, um sincero afeto pelos nossos queridos jovens, que hoje se encontram em diversos campos de refugiados, são já pequenos passos para uma Congregação e uma Igreja menos indiferente e mais solidária.

Obrigado, com votos de uma fecunda missão,

J. Basañes
 Pe. Guillermo Basañes, sdb
 Conselheiro das Missões



Dia Missionário Salesiano

Uma tradição que continua

Que significa?

Desde 1926, celebra-se em toda a Igreja o Domingo Mundial das Missões. A partir de 1988 um tema missionário é proposto a toda a Congregação Salesiana. Todas as comunidades salesianas têm oportunidade de conhecer uma realidade missionária específica. É um momento forte para a Animação Missionária nas Comunidades salesianas inspetoriais/provinciais e locais, nos grupos juvenis e na Família Salesiana (FS). Trata-se de uma oportunidade para envolver as comunidades SDB e as comunidades educativo-pastorais (CEP) nas dinâmicas da Igreja, **reforçando a cultura missionária**.

Para quê?

Para dar um impulso à Animação Missionária oferecendo uma proposta que se torne projeto anual concreto. Para ajudar toda a Família Salesiana a conhecer o compromisso missionário da Congregação, conhecer as novas realidades missionárias, vencer qualquer tentação de se fechar no próprio território ou contexto e recordar-se da dimensão universal do carisma salesiano. *“As atividades de animação missionária são sempre orientadas para os seus fins específicos: informar e formar o povo de Deus para a missão universal da Igreja, despertar vocações missionárias ad gentes, suscitar cooperação para a evangelização”* (João Paulo II, Redemptoris Missio, 83).

Quando?

A proposta é que seja próximo de 11 de novembro, data do Primeiro envio missionário. Procuremos criar comunhão nesta animação missionária, tal como se faz em outubro, mês missionário da Igreja. Se não for possível nesta data, a Província/Inspeção escolherá uma

data ou período que se adapte melhor ao seu ritmo e calendário. É importante proporcionar um itinerário educativo-pastoral de algumas semanas – no qual o Dia Missionário Salesiano constitua o ponto culminante. O DMS é a expressão do espírito missionário de toda a Comunidade Educativo-Pastoral, mantido vivo todo o ano com diversas iniciativas.

Como é animado?

A partir de uma reunião de Diretores, em que o Delegado da animação missionária explica o objetivo e distribui os subsídios disponíveis para o DMS na Província (página web provincial ou um link al www.sdb.org - GMS). Assim todas as comunidades SDB são os primeiros destinatários das dinâmicas do DMS. Cada ano concentra-se a atenção num aspeto concreto da cultura missionária; reza-se pelos missionários apresentados no DMS; presta-se apoio econômico concreto à missão.

Quem celebra?

O primeiro destinatário é a comunidade salesiana SDB. Depois, segundo as diversas possibilidades das Províncias/Inspeções, há vários modos de organizar, adaptando-se aos ambientes da missão salesiana (escolas, centros de formação profissional, paróquias, grupos juvenis, especialmente grupos de voluntariado missionário) e da FS (Salesianos Cooperadores, Antigos alunos, Grupos ADMA, etc.), abertos a todo o movimento salesiano e aos amigos de Dom Bosco.

Que meios?

Como no ano pastoral anterior, são oferecidos a todas as comunidades salesianas: um cartaz, um subsídio impresso, um vídeo com filmagens sobre o tema, com o material didático e

audiovisual em várias línguas. Para o material impresso basta dirigir-se ao Dicastério para as Missões, Roma (cagliero11@gmail.com). Os vídeos são produzidos pelas Missioni Don Bosco Torino, e estão disponíveis também em Youtube (<http://www.settore.missioni>).

A importância da oração pelas Missões

Todos os membros da Comunidade Educativa Pastoral (CEP) contribuem para a ação missionária da Congregação e da Igreja com a oração acompanhada de sacrifícios pelos missionários salesianos e pelas vocações missionárias. Todos os dias 11 do mês é uma ocasião para rezar segundo a Intenção Missionária Salesiana. Cada ano com o tema do DMS é proposta uma oração específica. A ação missionária brota do encontro com Deus e é sustentada por ele.

O Projeto para o DMS 2019

Cada ano é proposto um projeto para toda a

Congregação. Ele é uma parte importante da dinâmica do DMS. O primeiro objetivo do projeto do DMS não é só recolher fundos. Quer, antes, ser para os jovens uma experiência educativa para a solidariedade. O Dia Mundial das Missões promove a solidariedade através de várias iniciativas – em particular durante os tempos litúrgicos fortes de Advento e Quaresma e durante o mês de outubro – ou como parte das celebrações do DMS. Toda a comunidade inspetorial/provincial é convidada a dar um contributo monetário como expressão de solidariedade missionária.

A avaliação

A avaliação depois do DMS é tão importante como a preparação e a celebração. Deve-se considerar como é que DMS serviu, mediante o tema proposto do ano, para favorecer uma cultura missionária na comunidade local ou provincial, tendo presentes as sugestões de correção para o futuro. ■

DMS: Uma tradição que continua (1988-2019)

Ano	Tema
1988	Guiné - Conakry: O sonho continua
1989	Zâmbia: Projeto Lufubu
1990	Timor-Leste - Venilale: Jovens evangelizadores
1991	Paraguai: Meninos de rua
1992	Peru-Valle Sagrado Incas: Cristo vive nos carreiros dos Incas
1993	Togo-Kara: Dom Bosco e a África - um sonho que se faz realidade
1994	Camboja-Phnom Penh: Missionários construtores de paz
1995	Índia - Gujarat: Em diálogo para compartilhar a fé
1996	Rússia - Yakutsk: Luzes de esperança na Sibéria
1997	Madagascar: Jovem, eu te digo, levanta-te
1998	Brasil: Ianomâmis: Vida nova em Cristo
1999	Japão: O difícil anúncio de Cristo no Japão
2000	Angola: Evangelho semente de reconciliação
2001	Papua-Nova Guiné: Caminhando com os jovens
2002	Missionários entre os jovens refugiados
2003	O compromisso para a promoção humana na missão
2004	Índia - Arunachal Pradesh: O despertar de um Povo
2005	Mongólia: Uma nova fronteira missionária
2006	Sudão: A missão salesiana no Sudão
2007	Sudão: A missão salesiana no Sudão
2008	HIV/AIDS: Resposta dos salesianos - educar para a vida
2009	Animação missionária - Mantém viva a tua chama missionária
2010	Europa: Os salesianos de Dom Bosco caminham com os Rom - Sinti
2011	América: Voluntários para proclamar o Evangelho
2012	Ásia: Narrar Jesus (Telling the story of Jesus)
2013	África: Caminho de fé
2014	Europa: Os outros somos nós - Atenção salesiana aos migrantes
2015	Manda-me, Senhor! - Vocação salesiana missionária
2016	Vinde em nossa ajuda! O Primeiro Anúncio e as novas fronteiras na Oceânia
2017	... e ficaram conosco: O Primeiro Anúncio e os povos indígenas da América
2018	Sussurra a Notícia. O Primeiro Anúncio e a Formação Profissional na Ásia
2019	"Sem saber, hospedaram anjos". O Primeiro Anúncio entre Refugiados e deslocados na África



Tema Geral para este sexénio: O Primeiro Anúncio

Percurso da Congregação

De 2015 a 2020 o tema de fundo do Dia Missionário Salesiano diz respeito ao “Primeiro Anúncio” (PA) em diversos contextos culturais. Este ano é dedicado ao Primeiro Anúncio na África e em particular entre os refugiados e deslocados, e migrantes.

Esta temática foi objeto de reflexão por parte dos SDB e das FMA em todas as Regiões do mundo: Europa (Praga 2010), Ásia Sul (Kol-kata 2011), Ásia Leste (Sam Phran 2011), Oceânia (Port Morseby 2011), África (Adis Abeba 2012), América (Los Teques 2013), em contexto muçulmano (Roma 2012); e na Cidade (Roma 2015). Iniciou-se um processo de Seminários Regionais, a partir de uma síntese dos seminários anteriores, para identificar as suas aplicações nos diversos setores e ambientes da missão (paróquias, minorias étnicas, escolas, oratórios, centros de formação profissional...); assim em 2017 realizaram-se já, para este fim, os encontros no Brasil (Belo Horizonte), Tailândia (Sam Phran), Portugal (Fátima). Em África (Johannesburg), em 2018.

Consideramos o conceito do Primeiro Anúncio em relação com o **testemunho** de cada cristão e de toda a comunidade cristã; cada atividade ou conjunto de atividades que favorecem uma experiência irresistível e entusiasmante **de Jesus** que, sob a ação do **Espírito Santo**, suscita a **busca** de Deus e um interesse pela sua Pessoa, ao mesmo tempo que se respeita a **liberdade** de consciência que, em última análise, conduz a uma **adesão inicial** a Ele, ou à revitalização da **fé** n’Ele.

O Primeiro Anúncio é promovido com uma pedagogia gradual, atenta ao contexto histórico-sócio-cultural do interlocutor. Leva a viver a própria vida como cristão “em estado permanente de missão”, de tal modo que cada pessoa e cada comunidade se torne um centro

de irradiação de vida cristã. O Primeiro Anúncio é dirigido a diversos destinatários:

1. Àqueles que **não conhecem Jesus Cristo** (aos não cristãos).
2. Aos **cristãos que receberam de maneira insuficiente** o primeiro anúncio do Evangelho; são por isso aqueles cristãos que:
 - a) depois de ter conhecido Jesus Cristo, O abandonaram;
 - b) vivem a sua fé como algo cultural, sem a prática cristã com a sua vida paroquial, ou sem receber os Sacramentos;
 - c) pensando já conhecer bastante Jesus, vivem a sua fé como rotina ou algo simplesmente cultural, ou mesmo de forma contrária à própria fé;
 - d) têm uma identidade cristã débil e vulnerável;
 - e) já não praticam a sua fé.
- 3) Àqueles que **procuram Alguém**, ou alguma coisa, de forma personalizada.
- 4) Àqueles que vivem a sua vida quotidiana **sem qualquer sentido**.

A nossa capacidade de escutar atentamente tornar-nos-á intuitivamente sensíveis àquele momento imprevisto, no qual a nossa vida, atividade, presença ou testemunho de crentes e de Igreja possa suscitar um interesse por conhecer a Pessoa de Jesus Cristo e acreditar n’Ele.

S. Francisco de Sales repetia uma bela frase: “**Cor ad Cor loquitur**”: “Coração fala a Coração”. Queremos, por um lado, que o Coração do Evangelho fale ao coração da cultura e a cada pessoa. E também que dê a cada um de nós, missionários, esta capacidade de empatia: de ter aquela respeitosa confiança e intimidade de sintonizar com os corações dos nossos destinatários para poder comunicar aquilo que mais amamos: Jesus Cristo.

Propostas concretas feitas pelos SDB na África

Do encontro continental de África realizado em Johannesburg em agosto 2018, entre as tantas riquezas que emergiram no encontro a respeito do Primeiro Anúncio na África, sublinhamos alguns dos aspectos que foram indicados por diversos setores:

Oratório-Centro Juvenil

- O Oratório é a obra ideal para o Primeiro Anúncio devido à espontaneidade, testemunho, contacto pessoal e gradualidade.
- A nossa presença educativa evangelizadora entre os jovens é o principal meio da nossa santificação.
- Verificar como inserir no projeto educativo a visita às famílias.
- Oferecer uma catequese profunda que prepare para os Sacramentos da iniciação cristã.

Escolas

- Oferecer um testemunho credível pessoal e comunitário (conversão pastoral e espiritual).
- A nossa pastoral deve ser contagiosa.
- Oferecer uma abertura a todos os jovens, mesmo aos de diferente origem e religião.
- Atribuir a formação religiosa ao responsável da Pastoral Escolar. Cada escola deve ter o responsável da pastoral com sua equipe.
- Tomar com seriedade e de forma sistemática o ensino religioso nas escolas.
- Abertura no território aos demais atores que trabalham com a juventude.
- Ter a coragem de assumir novas fronteiras sem permanecer fechados nas nossas estruturas.

- Promover os pequenos grupos e movimentos associativos que abram espaço ao Primeiro Anúncio.
- Deve existir uma colaboração efetiva entre a Pastoral e a Comunicação social.
- Envolver as famílias dos alunos mediante encontros periódicos.
- Insistir no espírito de família, na assistência e na presença no pátio (Ter a coragem de fechar os escritórios durante o recreio).
- Ter um projeto educativo pastoral em cada escola em que sejam envolvidos os leigos.
- Socializar o seminário do Primeiro Anúncio.
- Trabalhar em sinergia: os grupos da FS, os jovens.
- Acompanhar os jovens até ao fim e também os antigos alunos.

Paóquias urbanas e rurais

- Promover as Pequenas Comunidades Cristãs e acompanhar os seus responsáveis.
- Há necessidade de preparar bem os catequistas e os agentes pastorais, e de os acompanhar.
- Fomentar variedade de grupos juvenis.
- Instaurar o Ministério da Visitação às famílias.
- Muitos cristãos *tíbios* têm necessidade de um encontro de fé através de sérios itinerários de catequese.
- É necessário especificar que atividades das nossas obras sejam mais apropriadas para o Primeiro Anúncio
- Cada casa deve ter o seu grupo missionário com atividades missionárias populares. ■



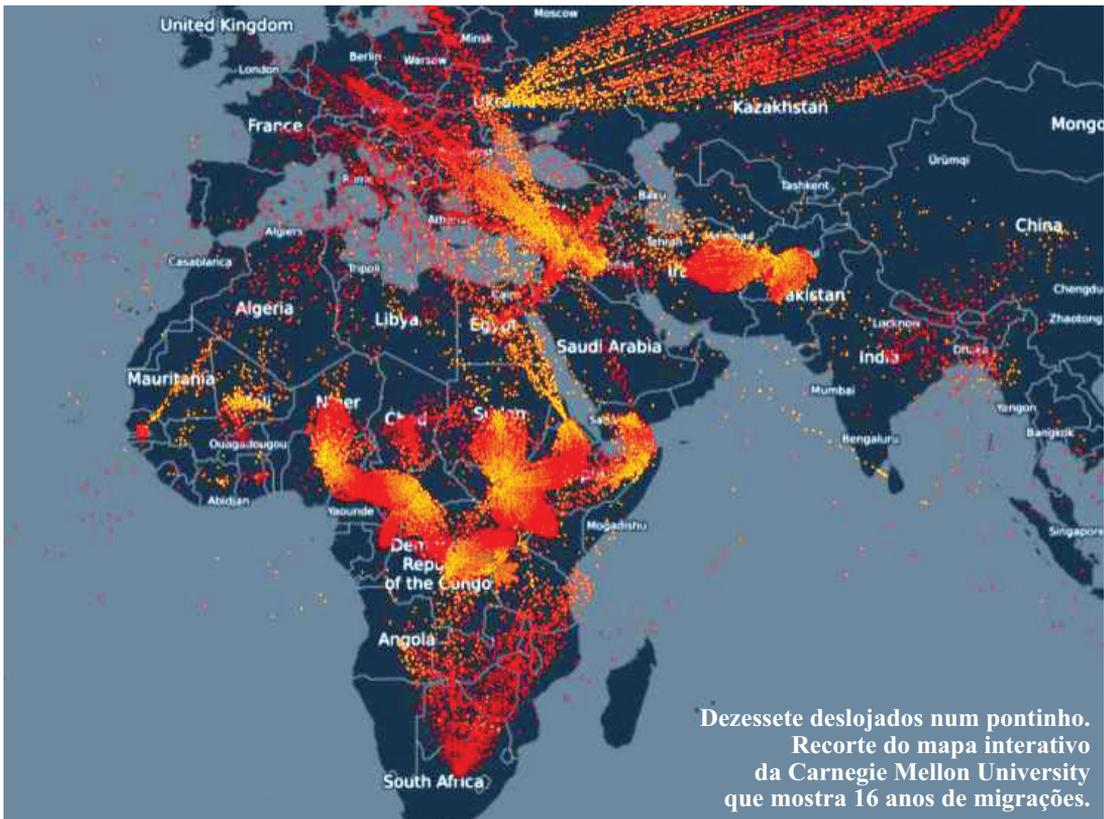


A mobilidade humana HOJE

1. Um fenômeno mundial

O fenômeno migratório que hoje compreende **mil milhões de pessoas** é o maior movimento de pessoas de todos os tempos. Tornou-se uma realidade estrutural das sociedades contemporâneas. É uma realidade cada vez mais complexa do ponto de vista social, cultural e religioso; ultimamente agravada pela existência de uma migração irregular. As causas do fenômeno são múltiplas: o nível

Segundo os dados das Nações Unidas¹, havia, em 2016, **244 milhões de migrantes internacionais**, ou seja, 3,3% da população mundial. Isto está em constante aumento, quer em número quer em percentagem. 72% deles **estão** em idade de trabalhar, entre os 20 e os 64 anos. 52% são homens e 42% mulheres. 79 milhões têm menos de 25 anos.



global das assimetrias sociais e econômicas, as crises políticas e sociais que desencadeiam conflitos armados e perseguições, além de razões climáticas como a desertificação de diversas partes do planeta. A migração foi acelerada hoje pelas enormes estruturas e possibilidades de viagem.

A **migração interna** está calculada, segundo os dados de 2009, em **740 milhões de pessoas**.

A situação mais dramática é a dos 71,4 milhões de pessoas em situação de **mobilidade forçada**. Destes, **43,3 milhões são deslocados internos**. Estas pessoas, por motivos vários, em particular as guerras, tiveram de emigrar

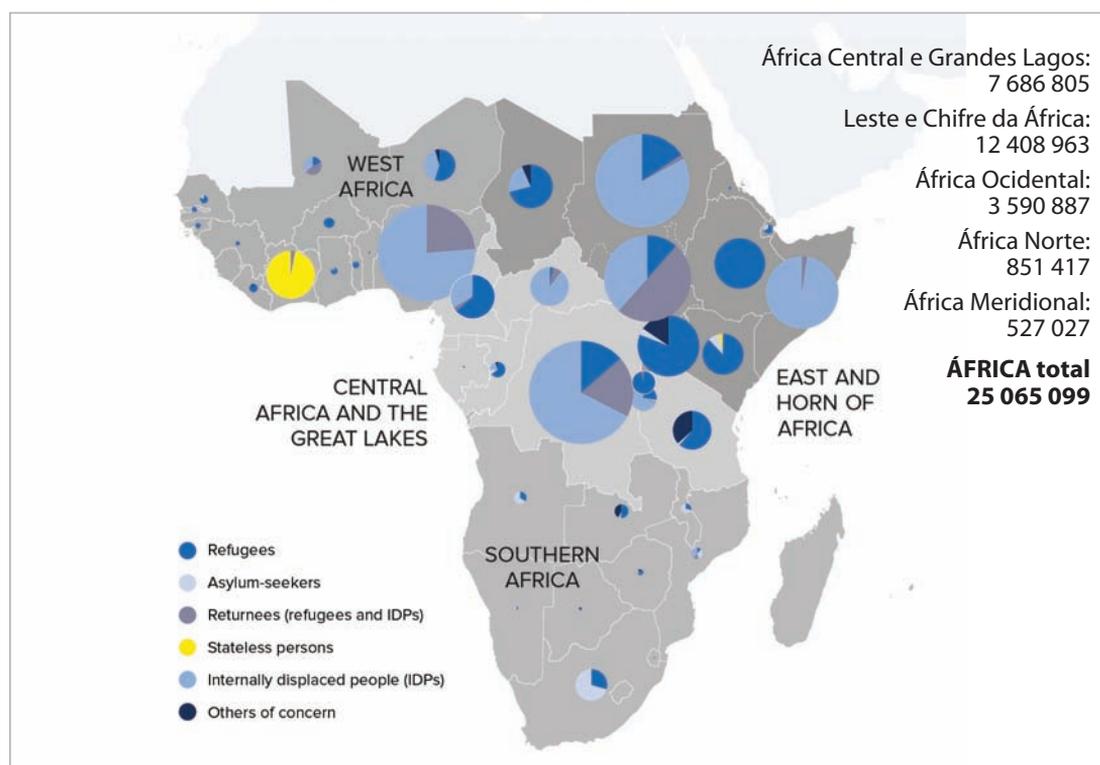
dentro do próprio País. Estes são os dados oficiais e controlados pela ONU e por alguns governos. Todos sabem que as cifras reais são mais altas. Pensa-se que metade desses migrantes forçados tenha menos de 18 anos.

O relatório da ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) revelou, em dezembro de 2017, que em média **31 pessoas por minuto** são obrigadas a deixar as suas casas e a procurar proteção noutra local – dentro das fronteiras do próprio País – ou noutros Países. Os refugiados e os

deslocados aumentam pelo quinto ano consecutivo. No último ano, o número de pessoas que tiveram de fugir das suas casas, devido a guerras, conflitos armados, perseguições e violações dos direitos humanos, atinge um triste recorde: o de ser o ano em que mais pessoas não estão em condições de regressar a casa desde a Segunda Guerra Mundial. As guerras no Sudão do Sul e na Síria, juntamente com o aumento das violências contra os Rohingya no Mianmar na segunda metade do ano, são as causas principais do forte aumento desses dados.

2. África

34% mundial dos refugiados e deslocados, por causa dos conflitos, estão na África.



O pior cenário neste Continente está no Sudão do Sul, onde 4,5 milhões de pessoas fugiram das suas casas. IOM disse que há 16 milhões de migrantes da África para outros continentes e 16 milhões de migrantes internacionais intra-africanos.

Poderíamos dizer que “descobrimos” um novo “continente”. Este novo continente é

um novo território de missão para nós, salesianos, porque a maior parte dos seus habitantes são jovens e vulneráveis. Que melhor campo de missão para o carisma salesiano?

3. Um fenômeno complexo e diferenciado

O fenômeno é complexo e variado; cada situação tem as suas características específicas.



A Congregação está presente, de um modo ou de outro, em todas estas diversas realidades. **Muitas comunidades salesianas de todos os continentes responderam com atenção e criatividade de algum modo a milhões de crianças, adolescentes, jovens e adultos em movimento.** Eis alguns exemplos destes esforços. O quadro não é certamente exaustivo.



dos Unidos e Austrália. Muitos deslocam-se só a Países confinantes, como no caso da emigração na Argentina e Chile, ou do Bangladesh para a Índia, ou da Ucrânia para a Polónia, ou grandes migrações intra-africanas. A migração de Países como Cuba, Haiti e

- Antes de tudo, há os **“refugiados”** – jovens que têm de fugir do seu País devido a graves emergências, habitualmente conflitos armados. Temos, na África (Quênia), Kakuma com cerca de 186.000 refugiados. Estamos a iniciar a nossa nova presença em Palabek, na Uganda, para os jovens refugiados do Sudão do Sul.



Há também outras importantes iniciativas na Etiópia, Ruanda, Índia, Egito, Líbano, Turquia, e em vários Países europeus.

- Uma realidade semelhante, mas interna ao País mesmo, é a dos **deslocados** (IDP: *Internal Displaced Person*). Por razões semelhantes às dos refugiados, tiveram de trocar as suas comunidades por zonas mais seguras, mas mantiveram-se dentro das fronteiras da própria nação. Os nossos irmãos ocupam-se desta realidade na Síria, Sudão do Sul, Sudão, República Democrática do Congo, Nigéria, Índia, Mianmar, Colômbia.

- Um número enorme de jovens emigra por **motivos económicos**. Procuram condições de trabalho e económicas mais favoráveis. É o caso de milhões de pessoas, na maioria jovens, que procuram um novo futuro nos Países mais industrializados da Europa, no Canadá, Esta-

dos Unidos e Austrália. Muitos deslocam-se só a Países confinantes, como no caso da emigração na Argentina e Chile, ou do Bangladesh para a Índia, ou da Ucrânia para a Polónia, ou grandes migrações intra-africanas. A migração de Países como Cuba, Haiti e América Central para o México é semelhante. Há uma presença salesiana muito significativa para a fronteira entre México e Estados Unidos. Com a sua ampla variedade de propostas educativas, preventivas, acolhedoras e promocionais, presta um serviço inestimável a milhares de pessoas. Os salesianos estão em oito das dez cidades de fronteira

(Tijuana, Mexicali, Nogales, Ciudad Juárez, Piedras Negras, Ciudad Acuña, Nuevo Laredo e Reynosa). Há presenças educativas, centros de inclusão social e de hospitalidade.

- Em algumas situações a **distinção entre refugiado e migrante económico não é clara**; como os jovens que saem do seu País, não só devido às condições económicas e de trabalho, mas também devido à **violência endémica** em que não querem ver-se envolvidos. Exemplos destas são as grandes migrações em alguns Países da América Central (Guatemala, El Salvador e Honduras). Vão para o México na esperança de se dirigir mais para norte.

- Há intensas ondas migratórias **das áreas rurais para as urbanas**. Há gente que paga um preço elevado pelas condições económicas presumivelmente melhores nas grandes

idades: a perda das suas raízes e da sua família; a ruptura dos valores comunitários e religiosos; a excessiva concentração de pessoas e a perda da privacidade; o desleixo físico e a perda da dignidade pessoal. Poder-se-ia enumerar uma constelação de casas salesianas situadas nas periferias das grandes cidades de todos os cinco Continentes. Com grande criatividade e um coração oratoriano, procuram responder a esta seção dos jovens em movimento.

- Neste contexto de migração rural, um caso particular de se tomar em consideração é a emigração dos jovens pertencentes a **minorias étnicas**. Aqui, além do drama económico, há a crise da identidade cultural e da integração. O fenómeno existe em várias partes do mundo. Estamos particularmente conscientes da situação dos nossos jovens na Amazônia. Muitos deles deixam as suas aldeias e o seu universo cultural, estabelecem-se nas periferias das cidades, perdendo a sua identidade e dignidade, e tornando-se vítimas do alcoolismo, da prostituição e da exploração, chegando por vezes ao suicídio.

- Outro caso especial, a que a Congrega-

ção é sensível, é o dos **menores estrangeiros imigrados não acompanhados**. Chegam irregularmente a Países de passagem ou de destino, numa situação de grande vulnerabilidade física e moral. Isto está a acontecer atualmente na Europa: ali as Inspetorias/Províncias salesianas – da Itália, Espanha, Portugal, França, Alemanha e outras – têm dado respostas generosas e institucionalizadas. Este fenómeno foi, e continua a ser, uma realidade também na área da fronteira mexicana.

- Outra realidade dolorosa neste universo é o **tráfico de pessoas**. São muitas vezes crianças e adolescentes que, neste mercado, sofrem todo o tipo de abuso. A situação no México é dolorosa. Na Europa e na África, a ONG VIS realizou uma campanha de sensibilização e prevenção nas rotas do tráfico entre estes dois continentes.

A Igreja e o seu Magistério

A questão dos emigrantes foi muito viva na Igreja, sobretudo por causa das grandes migrações europeias do século XIX e do século XX.

Vários documentos e mensagens do magistério projetaram muita luz sobre isto:





o Dia Mundial do Emigrante, os congressos e outras iniciativas. Um documento muito rico que nos oferece uma descrição do fenômeno e da atitude cristã em relação a isto é *‘Erga Migrantes Caritas Christi’*²: de 2004, oferece-nos uma riqueza de referências bíblicas e teológicas, além de propostas pastorais concretas.



entre dificuldades. Também o vistes em muitas pessoas, especialmente jovens, em toda a Europa e no mundo, que avançaram para vos ajudar”³.

A questão das migrações tornou-se ainda mais de primeiro plano no pontificado do **Papa Francisco**. Tornou-se uma das suas prioridades pastorais universais. Além das suas frequentes intervenções verbais, pensemos nas suas visitas proféticas às ilhas de Lampedusa e Lesbos. Recorda-nos também que as migrações não são só um problema; são também uma oportunidade para o desenvolvimento dos Países a que chegam. Oferecem também uma oportunidade para despertar o melhor de nós, como a solidariedade e o voluntariado:

“Deus criou a humanidade para ser uma família, quando um dos nossos irmãos e irmãs sofre, somos todos afetados. Todos sabemos por experiência como alguns facilmente ignoram os sofrimentos dos outros ou que até aproveitam da sua vulnerabilidade. Mas também sabemos como estas crises podem despertar o melhor de nós. Vós mesmos demonstrastes que isto é verdade, e entre o povo grego, o qual respondeu generosamente às vossas necessidades, não obstante por

O Papa Francisco indicou quatro verbos significativos sobre

os quais construir uma pastoral para os migrantes: acolher, proteger, promover, integrar⁴. A resposta à migração está articulada sobre estes quatro verbos. É com esta proposta que a Igreja Católica deu o seu contributo às Nações Unidas para a elaboração do *‘Global Compact’* de 2018. Há vinte pontos que derivam destes quatro verbos. O contributo da Santa Sé sobre a reflexão mundial da questão migratória e sobre os refugiados foi muito apreciado. Desta perspectiva emergem as seguintes prioridades:

Acolher: aumentar as vias legais e seguras para migrantes e refugiados.

Proteger: defender os direitos e dignidade dos migrantes e refugiados.

Promover: favorecer a promoção do desenvolvimento humano integral dos migrantes e refugiados.

Integrar: oferecer maior participação social dos migrantes e refugiados a fim de que enriqueçam as comunidades de destino.

Martín Lasarte, sdb

¹ <http://www.acnur.org/recursos/estadisticas/>. INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). *World Migration Report 2018* (Geneva 2017). United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) *Global Report 2016* (Geneva 2017).

² AAS XCVI (2004) 762-822.

³ Visita do Santo Padre Papa Francisco a Lesbos - Grécia. Visita aos refugiados. *Discurso de sua Santidade o Papa Francisco no campo de refugiados de Moria*. Lesbos, 16 de abril 2016.

⁴ PAPA FRANCISCO, Mensagem para o 104º Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados, 14 de janeiro 2018.

Sem saber, hospedaram anjos (Hb 13:1-3)

¹Que permaneça a caridade fraterna. ²Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos. Lembrai-vos dos presos, como se estivesseis presos com eles, e dos que são maltratados, porque também vós tendes um corpo.

Lectio

O último capítulo da Carta aos Hebreus é claramente exortativo. Estes textos parenéticos estão em sintonia com o estilo e a teologia de toda a carta: a comunidade cristã tem indicações práticas para **realizar o culto autêntico inaugurado por Jesus**. A adoração que agrada a Deus é a realização do *charis* (graça), que é a alma da relação correta com Deus e com o próximo (cf. 13,15-16). A adoração agradável a Deus leva-nos a discernir entre a verdadeira e a falsa religiosidade. A verdadeira religião é possível através da fé, que assume o caminho inaugurado por Cristo na sua oferta salvífica e se realiza na doação a Deus e ao próximo. A falsa religiosidade é formalista e exterior; reduz as relações com Deus a um conjunto de ritos e práticas que não tocam a realidade profunda, a consciência das pessoas, nem modificam as suas relações com os outros.

Não é por acaso que este capítulo encerra a carta inteira, com um discurso realista sobre a correta relação com os outros. É um apelo à firmeza e à estabilidade, procurado como “graça” que deriva da morte de Cristo (13,8-14).

Entre outras coisas, este breve diretório prático da comunidade insiste no amor fraterno: “*filadelfia*”. Eis duas expressões concre-

tas sobre como agir no amor fraterno, através da **hospitalidade** e da **solidariedade** com os encarcerados.

A prática da hospitalidade é muito apreciada no mundo antigo e na tradição cristã (cf. Mt 10,40-42,25,44). É confirmada pela tradição bíblica, que recorda os episódios de Abraão (Gn 18), Lot (Gn 19), Manóach (Jz 13) e Tobias (5-12) que acolheram os mensageiros de Deus. O paradigma é o acolhimento de Abraão que manifesta uma grande solicitude para com os hóspedes desconhecidos, e que a tradição patrística identifica com a Santíssima Trindade.

Hóspedes e encarcerados são duas categorias sublinhadas em particular pela prática cristã. A atenção aos que

tinham fome, aos que tinham sede e ao nus, era mais comum nas listas parenéticas hebraicas e mediorientais. Mas a particular atenção a estas duas realidades, responde, em primeiro lugar, à **recepção de missionários itinerantes**, que confiaram na hospitalidade cristã, e em caso de reclusão, comum para os difusores da nova “seita hebraica” (cf. 10,34), privados de parentes próximos, dependiam totalmente da fraternidade cristã.

O tema da **hospitalidade** e mais ainda, da **espiritualidade do peregrino**, está muito presente na carta.

No cap. 11 que louva a fé do peregrino Abraão. “*Pela fé, Abraão, ao ser chamado, obedeceu e partiu para um lugar que havia de receber como herança e partiu sem saber para onde ia. Pela fé, estabeleceu-se como estrangeiro na Terra*





Prometida, habitando em tendas, tal como Isaac e Jacob, co-herdeiros da mesma promessa, pois esperava a cidade bem alicerçada, cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus.” (11,8-10).

Aparece Raab também como modelo de fé e de hospitalidade:

“Pela fé, Raab, a prostituta, não pereceu com os incrédulos, por ter acolhido pacificamente os espiões.” (11,31).

S. Clemente retoma este binômio: **fé e hospitalidade** (cf. 1Clem 10-12). A hospitalidade será a causa de salvação para Lot e Raab e da fecundidade e do cumprimento das promessas a Abraão.

Somos peregrinos a caminho da Terra Prometida de modo que *“não temos aqui uma cidade estável, mas vamos em busca da futura”* (13.14).

• O valor da hospitalidade

O AT tem belas páginas dedicadas à hospitalidade de estrangeiros. O livro da Aliança garante a sua proteção (Lv 19,33ss; Ex 22,20; 23,9). O Dt diz: *“Deus ama o estrangeiro”* (10.18) e, portanto, solicita Israel a *“amar o estrangeiro”* (10.19). Deus ameaça quem violar a dignidade do estrangeiro: *“Maldito o que defraudar o direito do estrangeiro, do órfão e da viúva!”* E todo o povo responderá: *“Amém!”* (Dt 27,19).

Jó diz: *“Nenhum estrangeiro passou a noite fora. Eu abri a porta ao viajante”* (31,32). A verdadeira hospitalidade era praticada sem imposição de qualquer compensação, considerada um dever evidente. Enquanto o judaísmo do pós-exílio reduziu a prática da hospitalidade ao estrangeiro, o rabinismo continua a dar-lhe valor: *“A hospitalidade vale mais do que*

uma visão da Shekinah” (Shebu 127).

Cristo, historicamente vive a experiência de “estranho”, “foragido”, pede ser acolhido em Belém (Lc 2,7), foge como foragido para o Egito (Mt 2,14). Jesus não tinha um lugar para reclinar a cabeça (Mt 8,20). Mas dirá a Zaquê: *“Hoje tenho de ficar em tua casa”* (Lc 19,5). Envia os seus discípulos em missão e diz-lhes: *“Quem vos recebe, a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou”* (Mt 10,40). Mt 25,35 também assim: *“Era peregrino e recolhestes-me”*. Mas é a hospitalidade de Deus que se revela como essencial para a mensagem evangélica, que se manifesta pela sua bondade (Lc 14,16ss; 12.37; 13.29; 15.23).

• A Filoxenia

O termo que traduz a virtude da “hospitalidade” como no nosso texto em Hb 12,2 é **filoxenia**; é o contrário da **xenofobia** (medo ou ódio aos estrangeiros). Em Rm 12,13 aparece na expressão *“Partilhai com os santos que passam necessidade; aproveitai todas as ocasiões para serdes hospitaleiros”*. A mesma carta revela a práxis eclesial de acolhimento: *“Saúda-vos Gaio, que me recebe como hóspede, assim como a toda a igreja”* (Rm 16,23).

Quem pratica a hospitalidade é o **filoxenos**, e é enviado a entregar as cartas pastorais: 1Tm 3,2; Tt 1,8 e a primeira carta de Pedro: 1Pd 4,9: *“Exercei a hospitalidade uns com os outros, sem queixas”*.

A ação de exercer a hospitalidade é comum em Atos (10,23, 28,7) e 1Tm 5,10.

• A **filoxenia surge do amor** (*agape*) como do amor fraterno (*filadefia*),



em *Hb 12,1* e *Rm 12,10*. Trata-se de uma prova de um autêntico amor cristão (*Mt 25,35ss*), que cobre a multidão dos pecados (*1Pd 4,8*).

- O **preceito** da hospitalidade é **dirigido a todos** os discípulos mas, nas Cartas Pastorais, os bispos e as viúvas são encorajados a desempenhar este encargo na comunidade.

- Os **destinatários** da hospitalidade são, em primeiro lugar, “os irmãos na fé” (*Hb 13,2*; *Gl 6,10*, *1Pd 4,9*). São aqueles que desempenham missões itinerantes como testemunha a *Didachê*: “Acolhei todo aquele que vier em nome do Senhor” (12,1); ou aqueles que durante as perseguições foram acolhidos nas famílias cristãs. Isto não nega um sentido mais universal de hospitalidade. *Rm 12,13* é interposto entre o “santo” e os “perseguidores”. Um exemplo é o de S. Policarpo que hospeda os seus perseguidores (Eusébio *Hist. Ecl 4.14 a 15*). Mas é clara a história do Bom Samaritano (cf. *Lc 10,30ss*), que rompe com as restrições hebraicas. Quem é o meu próximo? O Samaritano, um homem de outra nação, raça e religião, que deixa de ser estrangeiro para se tornar próximo. Paulo dirá: “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus” (*Gl 3,28*).

- As **motivações** para a hospitalidade encontram as suas raízes no NT.

- **Carismática**. A hospitalidade é um carisma a desenvolver com fidelidade. É um dom de Deus (*Ef 2,10*), como vimos, nasce do amor.

- **Escatológica**. À luz da experiência como estrangeiros no Egito, os israelitas consideram a hospitalidade aos estrangeiros (*Lv 19,34*; *Dt 10,19*). A visão cristã oferece uma forte tensão escatológica ao considerar que todos somos estrangeiros a caminho da pátria definitiva.

- **Mística**. O texto de *Hb 12,2* vê nos hóspedes potenciais anjos. Vai-se mais além das pessoas dos estrangeiros, para se dar conta de uma presença divina: anjos em Abraão, Tobias e Lot; o mesmo Cristo em *Mt 25,35ss* e *10,40*. Paulo, reconhecendo a hospitalidade cheia de desvelos dos Gálatas, diz que foi acolhido como um anjo de Deus, como Cristo Jesus (*Gl 4,14*).

- **Missionária**. Do ponto de vista histórico é a razão principal. É um serviço fundamental para a evangelização. Portanto *3Jo 5-8*: “Caríssimo, em tudo o que fazes aos irmãos, mesmo sendo estrangeiros, tu procedes como é próprio de um fiel. Eles deram testemunho da tua caridade, diante da igreja. Farás bem em os prover do necessário para a sua viagem, de um modo digno de Deus, pois foi pelo seu nome que eles se puseram a caminho, sem nada receberem dos gentios. Por isso, nós devemos acolhê-los, a fim





de sermos cooperadores da causa da verdade”. Esta é a hospitalidade que Jesus mesmo organizou (Mt 10,11ss, Lc 10,5ss). Foi isto que os apóstolos experimentaram (At 10.6.18.32.48, 16.15.34, 17.7, 18.2, 21.8s, 1Cor 16,19, Rm 16,23, Fm 22). O cumprimento deste mandamento por parte do Senhor (Mc 16,15), sobre a evangelização é tão importante no NT, que quase sempre que se fala de hospitalidade é necessário compreendê-la neste sentido apostólico e missionário.

Meditatio

Algumas reflexões para a nossa vida e missão salesiana.

- **“Persevera no amor fraterno”** (v.1) (*filadelfia*). Somos convidados a viver o amor fraterno, não de modo ocasional, mas com constância. O verbo *menô* indica estabilidade, permanência, resistência, continuidade. A fraternidade não é uma eventualidade, mas uma atitude e um compromisso permanente para a vida. A fraternidade é um aspecto constitutivo da nossa identidade cristã. A vivência desta virtude no trabalho, na família, ao nosso redor, é muito mais do que a expressão de um bom temperamento, de uma boa educação ou de sentido cívico; é uma exigência e vivência do Espírito na nossa vida quotidiana.

- **“Não se esquecer de praticar a hospita-**

lidade”. A hospitalidade, em chave salesiana, toca profundamente o nosso Sistema Preventivo e a capacidade de acolher a todos, e particularmente os jovens. Isto impele-nos a ter comunidades, grupos, famílias com grande sentido de hospitalidade, sendo pessoas de portas abertas.

- **“Sem o saber, hospedaram anjos”** (v. 2). Os anjos são os portadores de uma mensagem. Para nós, Família Salesiana, a mensagem é clara: *“Nós acreditamos que Deus está à nossa espera nos jovens para nos oferecer a graça do encontro com Ele e preparamo-nos para servir com eles, reconhecendo a sua dignidade e educando-os na plenitude da vida”* (CG23, n. 95).

Outra mensagem importante é que “o outro” me ajuda a compreender a minha identidade e a eliminar a minha aversão pelo que é diferente: *“Uma vez que descobri o estrangeiro em mim, não posso odiar o estrangeiro fora de mim, porque, para mim, já deixou de existir”* (Erich Fromm).

Os famosos ícones orientais mostram a Santíssima Trindade à mesa de Abraão, e por este motivo são chamados “Hospitalidade de Abraão”. No acolhimento do estrangeiro há uma poderosa mensagem teológica: é a recepção de Deus. O estrangeiro divino entra na tenda e torna-a fecunda. “Se alguém me tem amor, há de guardar a minha palavra; e o meu



Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada” (Jo 14,23).

• **“Recorda-te dos que estão presos...”** (v.3). A questão da solidariedade desafia-nos. Esta solidariedade com os presos não é só “fazer” alguma coisa por eles, mas é um convite a participar na sua condição colocando-nos “na sua pele”: **“como se fôsseis seus companheiros de prisão, e daqueles que são maltratados, porque vós também tendes um corpo”**. Não somos chamados a ser apenas um ente de beneficência, algo de externo, mas a participação real e de comunhão, um fazer-se pobre com os pobres, refugiado com os refugiados, migrante com os migrantes, preso com os presos.

A carta aos Hebreus apresenta-nos um Cristo solidário, que se torna completamente nosso irmão. **“Por isso, Ele teve de assemelhar-se em tudo aos seus irmãos, para se tornar um Sumo Sacerdote misericordioso e fiel em relação a Deus, a fim de expiar os pecados do povo. É precisamente porque Ele mesmo sofreu e foi posto à prova que pode socorrer os que são postos à prova.”** (Hb 2, 17-18). **“De fato, não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, exceto no pecado”** (Hb 4,15).

Martín Lasarte, sdb

Salmo 15

**¹ Quem poderá, SENHOR, habitar no teu santuário?
Quem poderá residir na tua montanha santa?**

² Aquele que leva uma vida sem mancha,
pratica a justiça

e diz a verdade com todo o coração;

³ aquele cuja língua não levanta calúnias
e não faz mal ao seu próximo,
nem causa prejuízo a ninguém;

⁴ aquele que despreza o que é desprezível,
mas estima os que temem o SENHOR;
aquele que não falta ao juramento,
mesmo em seu prejuízo;

⁵ aquele que não empresta o seu dinheiro com usura,
nem se deixa subornar contra o inocente.

Quem assim proceder não
há-de sucumbir para sempre.



Perguntas:

Além de compartilhar alguns pensamentos da Palavra de Deus, que chamou a minha atenção, podemos tomar em consideração as seguintes perguntas:

- **Que sugere o tema da hospitalidade à minha missão salesiana?**
- **Como vejo os “diferentes”, os “estrangeiros”, os “diversos”?**
- **Que desafios nos coloca a solidariedade de Cristo?**



Da mensagem do PAPA FRANCISCO

Para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2018

**“Acolher, proteger,
promover e integrar
os migrantes e refugiados”**

Queridos irmãos e irmãs!

«O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas e amá-lo-ás como a ti mesmo, porque foste estrangeiro na terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus» (Lv 19, 34).

Repetidas vezes, durante estes meus primeiros anos de pontificado, expressei especial preocupação pela triste situação de tantos migrantes e refugiados que fogem das guerras, das perseguições, dos desastres naturais e da pobreza. Trata-se, por sem dúvida, de um «sinal dos tempos» que, desde a minha visita a Lampedusa em 8 de julho de 2013, tenho procurado ler sob a luz do Espírito Santo. Quando instituí o novo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, quis que houvesse nele uma Secção especial (colocada temporariamente sob a minha guia direta) que expressasse a solicitude da Igreja para com os migrantes, os desalojados, os refugiados e as vítimas de tráfico humano.

Cada forasteiro que bate à nossa porta é ocasião de encontro com Jesus Cristo, que Se identifica com o forasteiro acolhido ou rejeitado de cada época (cf. Mt 25, 35.43). O Se-

nhor confia ao amor materno da Igreja cada ser humano forçado a deixar a sua pátria à procura dum futuro melhor. Esta solicitude deve expressar-se, de maneira concreta, nas várias etapas da experiência migratória: desde a partida e a travessia até à chegada e ao regresso. Trata-se de uma grande responsabilidade que a Igreja deseja partilhar com todos os crentes e os homens e mulheres de boa vontade, que são chamados a dar resposta aos numerosos desafios, colocados pelas migrações contemporâneas, com generosidade, prontidão, sabedoria e clarividência, cada

qual segundo as suas possibilidades.

A este respeito, desejo reafirmar que «a nossa resposta comum poderia se articular à volta de quatro verbos fundados sobre os princípios da doutrina da Igreja: acolher, proteger, promover, integrar».

Considerando o cenário atual, *acolher* significa, antes de tudo, oferecer a migrantes e refugia-

dos possibilidades mais amplas de entrada segura e legal nos países de destino. Neste sentido, é desejável um empenho concreto para se incrementar e simplificar a concessão de vistos humanitários e para a reunificação familiar. Ao mesmo tempo, espero que um número maior de países adote programas de *patrocínio* privado e comunitário, e abra corredores hu-





manitários para os refugiados mais vulneráveis. Além disso seria conveniente prever vistos temporários especiais para as pessoas que, escapando dos conflitos, se refugiam nos países vizinhos. As expulsões coletivas e arbitrárias de migrantes e refugiados não constituem uma solução idônea, sobretudo quando são feitas para países que não podem garantir o respeito da dignidade e dos direitos fundamentais. Voto a sublinhar a importância de oferecer a migrantes e refugiados um primeiro alojamento adequado e decente. «Os programas de acolhimento difundido, já iniciados em várias partes, parecem facilitar o encontro pessoal, permitir uma melhor qualidade dos serviços e oferecer maiores garantias de bom êxito». O princípio da centralidade da pessoa humana, sustentado com firmeza pelo meu amado predecessor Bento XVI, obriga-nos a antepor sempre a segurança pessoal à nacional. Em consequência, é necessário formar adequadamente o pessoal responsável pelos controles de fronteira. A condição de migrantes, requerentes de asilo e refugiados exige que lhes sejam garantidos a segurança pessoal e o acesso aos serviços básicos. Em nome da dignidade fundamental de cada pessoa, esforcemo-nos por preferir outras alternativas à detenção para quantos entrem no território nacional sem estar autorizados.

O segundo verbo, *proteger*, conjuga-se numa ampla série de ações em defesa dos direitos e da dignidade dos migrantes e refugiados, independentemente da sua situação migratória. Esta proteção começa na própria pátria, consistindo na oferta de informações certas e ve-

rificadas antes da partida e na sua salvaguarda das práticas de recrutamento ilegal. Tal proteção deveria continuar, na medida do possível, na terra de imigração, assegurando aos migrantes uma assistência consular adequada, o direito de manter sempre consigo os documentos de identidade pessoal, um acesso equitativo à justiça, a possibilidade de abrir contas bancárias pessoais e a garantia duma subsistência vital mínima. Se as capacidades e competências dos migrantes, requerentes de asilo e refugiados forem devidamente reconhecidas e valorizadas, constituem verdadeiramente uma mais-valia para as comunidades que os recebem. Por isso, espero que, no respeito da sua dignidade, lhes seja concedida a liberdade de movimento no país de acolhimento, a possibilidade de trabalhar e o acesso aos meios de telecomunicação. Para as pessoas que decidam regressar ao seu país, sublinho a conveniência de desenvolver programas de reintegração laboral e social. A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança oferece uma base jurídica universal para a proteção dos menores migrantes. É necessário evitar-lhes qualquer forma de detenção por motivo da sua situação migratória, ao mesmo tempo que lhes deve ser assegurado o acesso regular à instrução primária e secundária. Da mesma forma, é preciso garantir-lhes a permanência regular ao chegarem à maioria e a possibilidade de continuarem os seus estudos. Para os menores não acompanhados ou separados da sua família, é importante prever programas de custódia temporária ou acolhimento. No respeito pelo di-



reito universal a uma nacionalidade, esta deve ser reconhecida e devidamente certificada a todos os meninos e meninas no momento do seu nascimento. A situação de apátrida, em que às vezes acabam por se encontrar migrantes e refugiados, pode ser facilmente evitada através duma «legislação sobre a cidadania que esteja em conformidade com os princípios fundamentais do direito internacional». A situação migratória não deveria limitar o acesso aos sistemas de assistência sanitária nacional e de previdência social, nem à transferência das respectivas contribuições em caso de repatriamento.

Promover significa, essencialmente, empenhar-se por que todos os migrantes e refugiados, bem como as comunidades que os acolhem, tenham condições para se realizar como pessoas em todas as dimensões que compõem a humanidade querida pelo Criador. Dentre tais dimensões, seja reconhecido o justo valor à dimensão religiosa, garantindo a todos os estrangeiros presentes no território a liberdade de professar e praticar a religião. Muitos migrantes e refugiados possuem competências que devem ser devidamente certificadas e avaliadas. Visto «o trabalho humano, pela sua natureza, estar destinado a unir os povos», encorajo a que se faça todo o possível para se promover a integração socio-laboral dos migrantes e refugiados, garantindo a todos – inclusive os requerentes de asilo – a possibilidade de trabalhar, percursos de formação linguística e de cidadania ativa e uma informação adequada nas suas línguas originais. No caso de menores migrantes, o seu envolvimento em atividades laborais precisa ser regulamentado de modo a que se evitem abusos e

ameaças ao seu crescimento normal.

Em 2006, Bento XVI sublinhava como a família, no contexto migratório, é «lugar e recurso da cultura da vida e fator de integração de valores». A sua integridade deve ser sempre promovida, favorecendo a reunificação familiar – incluindo avós, irmãos e netos – sem nunca o fazer depender de requisitos econômicos. No caso de migrantes, requerentes de asilo e refugiados portadores de deficiência, deve ser assegurada maior atenção e apoio. Embora considerando dignos de louvor os esforços feitos até agora por muitos países em termos de cooperação internacional e assistência humanitária, espero que, na distribuição das respectivas ajudas, se considerem as necessidades (como, por exemplo, de assistência médica e social, e de educação) dos países em vias de desenvolvimento que acolhem fluxos enormes de refugiados e migrantes, e de igual modo se incluam, entre os beneficiários, as comunidades locais em situação de privação material e vulnerabilidade.

O último verbo, *integrar*, situa-se no plano das oportunidades de enriquecimento intercultural geradas pela presença de migrantes e refugiados. A integração não é «uma assimilação, que leva a suprimir ou a esquecer a própria identidade cultural. O contato com o outro leva sobretudo a descobrir o seu “segredo”, a abrir-se para ele, a fim de acolher os seus aspetos válidos e contribuir assim para um maior conhecimento de cada um. Trata-se de um processo prolongado que tem em vista formar sociedades e culturas, tornando-as cada vez mais um reflexo das dádivas multiformes de



Deus aos homens». Este processo pode ser acelerado pela oferta de cidadania, independentemente de requisitos económicos e linguísticos, e por percursos de regularização extraordinária para migrantes que possam uma longa permanência no país. Insisto mais uma vez na necessidade de favorecer em todos os sentidos a cultura do encontro, multiplicando as oportunidades de intercâmbio cultural, documentando e difundindo as «boas práticas» de integração e desenvolvendo programas tendentes a preparar as comunidades locais para os processos de integração. Tenho a peito sublinhar o caso especial dos estrangeiros forçados a deixar o país de imigração por causa de crises humanitárias. Estas pessoas necessitam que lhes seja assegurada uma assistência adequada para o repatriamento e programas de reintegração laboral na sua pátria.

De acordo com a sua tradição pastoral, a Igreja está disponível para se comprometer, em primeira pessoa, na realização de todas as iniciativas propostas acima, mas, para se obter os resultados esperados, é indispensável a contribuição da comunidade política e da sociedade civil, cada qual segundo as próprias responsabilidades.

Durante a Cimeira ou Cúpula, das Nações Unidas, realizada em Nova Iorque em 19 de setembro de 2016, os líderes mundiais expressaram claramente a vontade de se empenhar em favor dos migrantes e refugiados para salvar as suas vidas e proteger os seus direitos, com-



partilhando tal responsabilidade a nível global. Com este objetivo, os Estados comprometeram-se a redigir e aprovar até ao final de 2018 dois acordos globais (Global Compacts), um dedicado aos refugiados e outro referente aos migrantes.

Queridos irmãos e irmãs, à luz destes processos já iniciados, os próximos meses constituem uma oportunidade privilegiada para apresentar e apoiar as ações concretas nas quais quis conjugar os quatro verbos. Por isso, convido-vos a aproveitar as várias ocasiões

possíveis para partilhar esta mensagem com todos os atores políticos e sociais envolvidos – ou interessados em participar – no processo que levará à aprovação dos dois acordos globais.

Neste dia 15 de agosto, celebramos a solenidade da Assunção de Maria Santíssima ao Céu. A Mãe de Deus experimentou pessoalmente a dureza do exílio (cf. Mt 2, 13-15), acompanhou amorosamente o caminho do Filho até ao Calvário e agora partilha eternamente da sua glória. À sua materna intercessão confiamos as esperanças de todos os migrantes e refugiados do mundo, e as aspirações das comunidades que os acolhem, para que todos, no cumprimento do supremo mandamento divino, aprendamos a amar o outro – o estrangeiro – como a nós mesmos.

Vaticano, 15 de agosto de 2017
Solenidade da Assunção
da Bem-aventurada Virgem Maria



A missão é a hospitalidade

Uma leitura africana

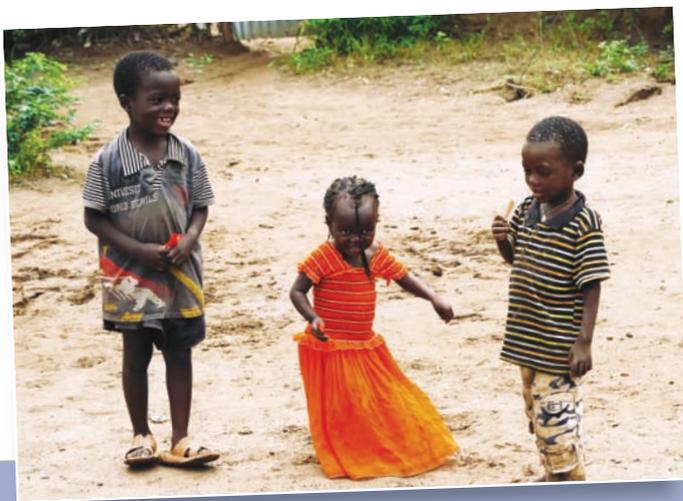
Se um estrangeiro vier residir contigo na tua terra, não o oprimirás. O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas; e amá-lo-ás como a ti mesmo, porque fostes estrangeiros na terra do Egito. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

(Lv 19,33-34)

Nas sociedades africanas, o acolhimento do estrangeiro não é só um ato humano de cortesia, mas também um ato de fé, fortemente marcado nas culturas porque um visitante acolhido pode ser também um mensageiro de Deus. “A hospitalidade é uma das principais leis da ética africana. Isto impõe deveres e direitos, seja ao hóspede, seja ao visitante. O abuso da hospitalidade é proibido. Esta hospitalidade é ainda respeitada hoje, não obstante as perturbações socioeconômicas”.⁵ No mundo de hoje, com os seus problemas de migração e de insegurança, acolher o outro, sobretudo se estrangeiro, nem sempre é fácil porque, se em sentido positivo aquele que acolhemos pode ser um enviado de Deus, que nos traz paz e bênção; em sentido negativo, um estrangeiro que é recebido em casa pode também tornar-se fonte de tribulação, desolação e até de morte. Todavia, a missão da Igreja, na sua forma de interação dinâmica entre povos e culturas, tem uma forte relação com a hospitalidade.

Acolhimento e hospitalidade nas sociedades africanas

Para compreender a missão da Igreja na perspectiva da hospitalidade, quisemos partir do contexto

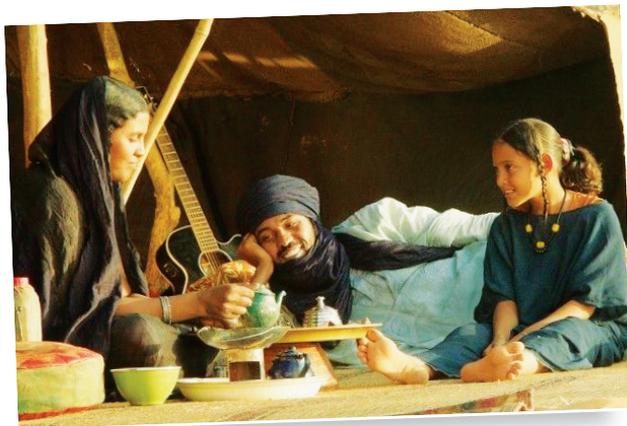


africano, sublinhando ao mesmo tempo que o acolhimento do outro não é um valor exclusivamente africano. Faz parte da estrutura humana e tem um forte significado na cultura bíblica. A particularidade do acolhimento do outro nas culturas africanas encontra-se na antropologia comunitária africana que faz com que, como sublinha Hampaté Bâ, “o indivíduo é inseparável da sua estirpe, que continua a viver através dele e de que ele é só uma extensão”.⁵ Neste sentido, o acolhimento do outro não é só uma iniciativa que nasce da bondade individual: torna-se de qualquer modo um elemento fundamental da família, do clã e por consequência da cultura. A hospitalidade poderia até ser um critério para definir a santidade ou não de uma família ou de uma comunidade. O acolhimento do outro nasce, portanto, da família, cujo primeiro ato é mesmo o acolhimento dos meninos, que ela por sua vez oferece à comunidade que será envolvida na sua educação. Com efeito, “na cultura e na

tradição africana, o papel da família é universalmente considerado como fundamental. Aberto a este sentido da família, do amor e do respeito pela vida, o Africano ama os filhos, que são acolhidos com muita alegria como um

dom de Deus.”⁶

Durante todas as fases da sua vida o menino, depois o adulto, seguirá um processo de integração no grupo de pares e nas associações; isto permitir-lhe-á acolher os outros, especialmente o



estrangeiro que procura auxílio. Nisto é ajudado pela tradição familiar e comunitária. Diversos provérbios servem para inculturar a importância da hospitalidade. Para sublinhar o dever de hospitalidade, os Malinkes do Senegal dizem, por exemplo, “Por muito cheia que a praça pública esteja, há sempre lugar para o grande tambor”, para exprimir este conhecido dito na África: “Onde cabe um, cabem dois” porque muitos estão convencidos de que “o hóspede é um enviado de Deus, devemos acolhê-lo com grande respeito (Ibo-Nigeria)”.⁷ Nas sociedades africanas, a hospitalidade insere-se na rede das relações que tomam em consideração o estado de indigência de cada indivíduo gerando uma relação de solidariedade.⁸ Por exemplo, na cultura Ewe da África ocidental é interessante notar que o hóspede é designado pela palavra “*Amedzro*” composta da “*Ame*” che significa “(uma) pessoa” e “*dzro*” che significa “desejo, desejar, querer ...”; *amedzro* é portanto **uma pessoa desejada** que é acolhida. Poder-se-ia também dizer que o hóspede que vem a nossa casa é um “estrangeiro”, mas não é um “estranho”, é uma pessoa desejada e amada; deve ser acolhida prescindindo do seu aspeto físico, que pode ser nobre ou miserável devido às circunstâncias da viagem e do sofrimento que suportou; o seu acolhimento é ao mesmo tempo um dever, uma consolação e uma oportunidade. Este é o motivo pelo qual se deve fazer todo o possível para garantir que esta pessoa com a sua situação de necessidade se sinta

em casa graças à **hospitalidade**. Para que a pessoa se sinta acolhida, há alguns gestos que é oportuno sublinhar: o **calor humano** manifestado pela alegria no rosto de quem recebe através da saudação, da gen-

teleza e da doçura; **a oferta de água** ou de alguns alimentos como a noz de cola, a água de coco ou outras coisas segundo as culturas; **uma refeição** para restabelecer as forças do visitante: este aspeto é importante porque na maior parte das famílias há sempre um lugar à mesa reservado para um visitante inesperado; e por fim a partilha de **palavras**, que é um momento de escuta, muito importante, na medida em que permite compreender que ajuda se poderia dar, mas sobretudo para ver se esta ajuda é ocasional ou de longa duração e se é oportuno para o bem da pessoa em questão e para a comunidade. É com esta lógica de hospitalidade que muitos missionários são acolhidos em África. Não obstante algumas hostilidades que poderiam encontrar-se aqui e ali, o sucesso da missão, sobretudo salesiana, na África deve-se em parte a esta cultura da hospitalidade que, na realidade, deve ser recíproca, porque o acolhimento é sempre em duas direções: a pessoa que acolhe e a pessoa que é acolhida estão em interação dinâmica.

Missão como hospitalidade

Na tradição bíblica, a hospitalidade é uma exigência para Israel não só porque viveu como estrangeiro ou exilado (*Lv* 19,33; cf. *At* 7,6; 13, 11, 13, 13, 14); mas é também uma obra de misericórdia e de testemunho, a hospitalidade é também uma das condições para entrar no reino de Deus no fim dos tempos (*Rm* 12,13; 13,8, *Mt* 25)¹⁰. O Novo Testa-



mento recomenda o acolhimento e a hospitalidade porque, acolhendo o estrangeiro, é Deus mesmo que acolhemos. Jesus não hesitou em declarar: “Quem receber aquele que Eu enviar é a mim que recebe, e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou” (Jo 13,20). O autor da carta aos Hebreus exorta-nos a não esquecer a hospitalidade porque “alguns, sem o saberem, hospedaram anjos (Hb 13,2); uma hospitalidade de que Abraão é um dos exemplos formidáveis (cf. Gn 18, 1-8). Este acolhimento deve ser também oferecido a cada pessoa, porque tudo o que fizermos aos pobres e aos necessitados é a Jesus que o fazemos (cf. Mt 18,5; Mc 9,36; Lc 9,47). A missão cristã tem uma forte relação com o acolhimento do outro na sua diversidade. Num mundo globalizado e migratório que pode ver o outro como uma ameaça para a própria vida e o próprio bem-estar, a profecia da hospitalidade torna-se um imperativo para a missão da Igreja. Com efeito, para o cristão acolher o outro é um mandamento divino, porque é convidado a ver no estrangeiro que acolhe “não só um mensageiro de Deus, um anjo (Gn 19,1ss) mas o mesmo Senhor (Mt 10,40; Mc 9,37)”.¹¹

A missão da Igreja é precisamente caracterizada pelo envio e pelo acolhimento. Os grandes enviados missionários fazem parte

desta lógica na qual Jesus envia os seus discípulos em missão (cf. Mt 28,19; Mc 16,15; Lc 24, 44-48, Jo 20,21). Na teologia da missão, o acolhimento parte sempre de Deus, que nos envia e nos precede na missão. É Ele a fonte do nosso amor.¹² É neste sentido que toda a atividade missionária consiste, antes de tudo, no acolhimento da sua vontade. Nesta perspectiva, acolhendo a diversidade na missão, é Deus mesmo que acolhemos. Por uma profunda espiritualidade missionária e de comunhão, somos chamados a “ser capazes de captar a luz do mistério da Trindade no rosto dos irmãos que estão ao nosso lado [...], ser capazes, além disso, de reconhecer o que há de positivo no outro para acolhê-lo e valorizá-lo como um dom que Deus me faz através daquele que o recebeu, muito para além da sua pessoa que se torna então um administrador das graças divinas”.¹³ Para nós salesianos, acolher os jovens, especialmente os mais pobres, é uma missão de se não descurar. Nas situações de migração ou de guerras, o oratório e as comunidades salesianas distinguem-se por ser casas acolhedoras. Este acolhimento não deveria ser reservado só aos jovens, mas também aos missionários que Deus e a Congregação nos enviam. Ao fazer isto, tornamo-nos colaboradores de Deus (cf. 3Jo 1,5-8).

P. Samuel Amaglo, sdb

⁵ M. CABAKULU, *Dictionnaire des proverbes africains*, L'Harmattan, 1992, p. 132.

⁶ A. HAMPATÉ BÂ, *Amkoullel, l'enfant peul: mémoires*, Paris, Actes Sud, 1992, p. 17.

⁷ GIOVANNI PAOLO II, *Ecclesia in Africa* (1995), n. 43.

⁸ Cf. M. CABAKULU, *Dictionnaire des proverbes africains*, pp. 133-134.

⁹ Cf. G. G. TATA, *Vivere-insieme: aspetti etico-sociali dell'antropologia africana*, Roma, Urbaniana University Press, 2014, p. 123.

¹⁰ R. JACQUES, *Dictionnaire éwé-français*, Paris, L'Harmattan, 2015, p. 161.

¹¹ Cf. X. LÉON-DUFOUR - J. DUPLACY (Éd.), *Dizionario di teologia biblica*, Marietti, Torino, 1976, pp. 720-722.

¹² *Ibid.*

¹³ Cf. *Ad Gentes*, nn. 2-5.

¹⁴ BENEDETTO XVI, *Africae Munus*, n. 35.

Dom Bosco e os migrantes

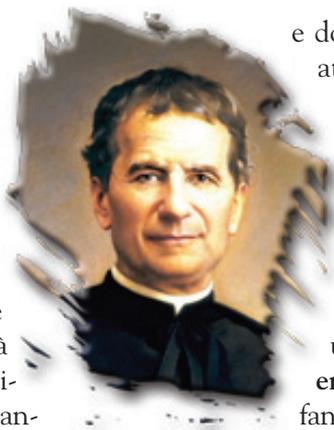
Para a Congregação, o fenômeno das migrações não é uma novidade do ponto de vista carismático. Desde o início, Dom Bosco enfrentou esta realidade. **Os primeiros jovens que receberam no seu oratório eram emigrantes** sasonais ou permanentes, entre os 18 e os 25 anos de idade. Vinham das zonas rurais à procura de trabalho na grande cidade de Turim. Eram jovens estrangeiros que não falavam italiano ou piemontês. Numa discussão com alguns párocos de Turim, que pensavam que Dom Bosco estava a afastar os jovens das suas paróquias, o santo replica que eram todos estrangeiros:

“Porque [os jovens] são quase todos forasteiros, que ficam abandonados nesta cidade pelos pais, ou que tendo vindo à procura de trabalho, que não conseguiram encontrar, savoioardos, suíços, valdostanos, bieleses, novareses, lombardos são os que ordinariamente frequentam as minhas reuniões [...] A distância da sua terra, a diversidade de linguagem, a incerteza do domicílio, e o desconhecimento dos lugares tornam difícil, para não dizer impossível, ir às paróquias.”¹⁵

A **aventura missionária salesiana** começou com o cuidado aos emigrantes italianos na Argentina. Na primeira expedição de 1875, Dom Bosco dirige a sua exortação aos missionários com estas palavras:

“Ide, procurai estes nossos irmãos, a quem a miséria ou a desventura levou para terra estrangeira, e empenhai-vos em fazer-lhes conhecer como é grande a misericórdia daquele Deus, que a eles vos envia para bem das suas almas, para ajudá-los a conhecer e a seguir aquele caminho.”¹⁶

A Congregação, nos tempos do padre Rua



e do padre Albera, consolidou esta atenção aos emigrantes italianos, mas também a poloneses e alemães. A dimensão do trabalho realizado entre os emigrantes foi incrível. Em 1904, só na América, os Salesianos tomaram a seu cargo 450.000 emigrantes. Já nos tempos do P. Rua, foi até criada uma **“Comissão salesiana para a emigração”**; era dirigida pelo P. Stefano Tirone, que fez este trabalho por

diversos anos. Era enorme o serviço em favor dos emigrantes e europeus em demanda da América, da África ou do Oriente Médio. Dentro da mesma Europa havia os migrantes fugidos da Europa Oriental para a Europa Ocidental durante o período comunista. Certamente, a matriz desse ministério era étnico-nacional, isto é, o acompanhamento de cidadãos com o serviço de capelanias, escolas e várias obras de promoção humana. Tal serviço corria, por vezes, o risco de ser mais sensível à lógica nacionalista do que à evangélica. Este é um dado a que devemos ser sensíveis.¹⁷

Portanto, o **fenômeno migratório, de uma forma ou de outra, esteve sempre presente na nossa missão salesiana**. O desafio da mobilidade juvenil e humana é hoje muito mais amplo e complexo nos seus aspectos culturais, sociais, religiosos, no seu grande impacto demográfico, nos novos problemas ligados às tecnologias da informação, à globalização e aos transportes. Além disso, a pastoral da comunhão (mais inclusão e integração) tornou-se mais necessária do que antes, quando era étnico-nacional (atenção aos concidadãos). Agora há que enfrentar também fenômenos novos e dramáticos, como os dos menores não acompanhados entre os refugiados. Tudo isto oferece novos desafios à Congregação face a



este continente de jovens, muitos dos quais pouco ou nada sabem de Jesus Cristo.

Esta fronteira, este continente em movimento, desafia fortemente os Salesianos e a FS do século XXI. Precisamente como o Projeto África – uma grande visão missionária – contribuiu para revitalizar a Congregação há décadas, assim hoje um compromisso congregacional, bem projetado para este novo continente em movimento, pode ser uma autêntica fonte de renovação pastoral, carismática, profissional.

Crítérios da nossa ação educativo-pastoral entre os migrantes e refugiados

Indicamos alguns critérios pastorais, para este desafio que deriva da migração. Certamente, estes não são elementos muito originais, porque são os mesmos de toda autêntica missão salesiana em qualquer âmbito.

1. Dirigimo-nos a **crianças, adolescentes e jovens** como destinatários prioritários.

2. Concentramos a nossa intervenção mais nos processos educativos do que só nas atividades de emergência.

3. Levamos por diante a nossa missão a partir de uma visão integral de promoção humana: vemos como complementares a **educação e a evangelização**. Se não estivermos alertas, corremos o risco de reduzir, neste campo, a nossa missão a um bom serviço social, privado de propostas de fé. Poderemos tornar-nos uma ótima ONG, deixando de ser Salesianos.

4. O elemento promotor de qualquer intervenção neste campo deve ser uma **comunidade educativo-pastoral** (local, inspetorial/provincial), em que salesianos e leigos participam de um esforço conjunto através de um projeto bem elaborado e atuado.

5. A nossa ação caracteriza-se como uma **“presença”** educativa e de esperança. Portanto, inserimo-nos o mais possível no **espaço geográfico e existencial** dos destinatários. É importante que nos vejam mais como amigos, que estão no meio deles, que compartilham sua vida, do que como agentes humanitários que vêm de fora para realizar alguns serviços em seu

favor durante poucas horas do dia.

6. É importante ter em consideração o direito fundamental de cada ser humano de emigrar, se quiser, e o direito igualmente fundamental de não ser obrigado a migrar. Nesta dimensão, como salesianos, com o nosso critério de prevenção, somos chamados a **investir no “desenvolvimento local”**. A nossa proposta educativa para a formação e inserção no mundo do trabalho oferece um precioso serviço aos jovens e à sociedade, mesmo nesta direção.

7. Os migrantes são logicamente um importante campo de ação para o MJS (Movimento Juvenil Salesiano). É um campo em que os nossos jovens não migrantes podem ser ativos entre os imigrantes como parte do MJS. Deve ser um **MJS para jovens em movimento**. É um campo excelente para o voluntariado missionário salesiano.

8. Este compromisso, mais do que nenhum outro, requer a colaboração entre várias províncias de vários países (quer de origem, quer de passagem ou de destino). Requer que comecemos a pensar em **presenças mais flexíveis e mais internacionais**.

9. O problema da mobilidade humana requer uma **consultoria profissional** sobre questões legais, sociais e psicológicas que permitam uma defesa incisiva e eficiente. Portanto, temos necessidade, por um lado, de uma formação específica e, por outro, da colaboração de profissionais leigos.

10. Em nível de Congregação, vemos a necessidade de uma **presença mais institucional, coordenada e visível**, capaz de criar redes e de melhor aconselhar, encorajar, coordenar, representar e sistematizar o trabalho dos Salesianos de Dom Bosco com os refugiados e os desalojados.

¹⁵ BOSCO G., *Memorie dell'Oratorio*, in ISTITUTO STORICO SALESIANO (ed.) *Fonti Salesiane. Don Bosco e la sua opera* (Roma 2014) 1250.

¹⁶ CERIA E., *Memorie Biografiche del beato don Bosco*, Vol. XI, Torino 1930, 385.

¹⁷ MOTTO F., *Bosco (Don) Giovanni e la missione dei Salesiani per i migranti*, in BATTISTELLA G. (a cura di), *Migrazioni. Dizionario Socio-Pastorale*, Cinisello Balsamo (Milano) 2010, 62.

GAMBELLA

Fronteira Ocidental da Etiópia

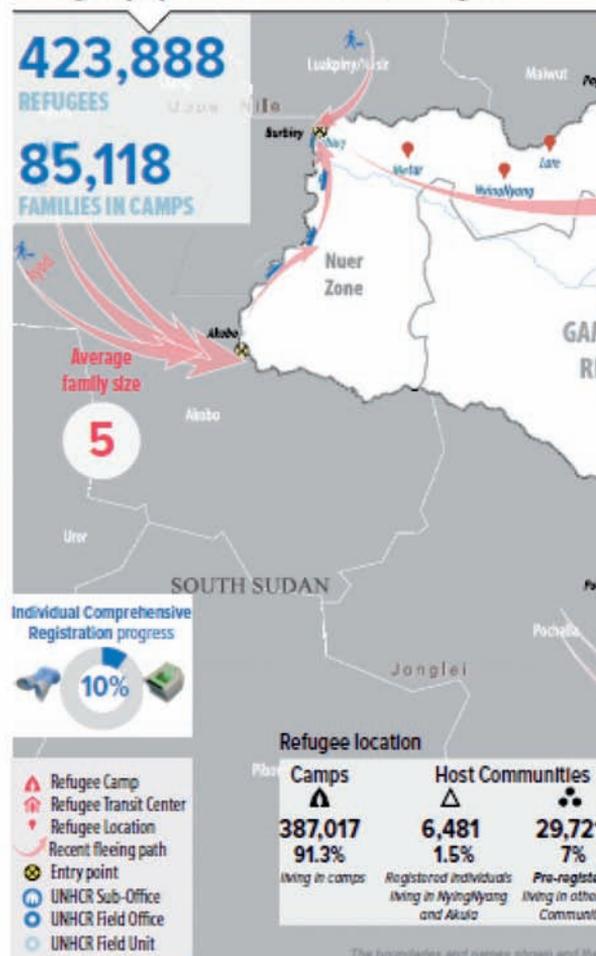
Falar de Gambela, cidade e região situadas na parte mais ocidental da Etiópia, significa trazer de novo à mente o problema dos refugiados e desalojados, que há cerca de trinta anos influencia a ordem sociopolítico-econômica da região, não sem tensões e violências de que, desde sempre, é teatro toda essa área.

Se em toda a Etiópia se estimam em cerca de 850.000 os refugiados, quase um terço destes concentra-se nesta zona de fronteira com o então Sudão e agora o Sudão do Sul, último País a ser reconhecido oficialmente, depois do referendo sobre a independência em 2011, que bem depressa descambou numa guerra civil entre diversas etnias locais, na maioria de fé cristã.

Dentro do Vicariato Apostólico de Gambela, que desde os inícios do ano 2.000 foi confiado pela Santa Sé aos filhos de Dom Bosco e de que é pastor Dom Angelo Moreschi, salesiano, originário de Bréscia, os Salesianos de Dom Bosco, além de diversas atividades educativas e de evangelização, estão empenhados em três campos de refugiados,

SOUTH SUDAN SITUATION

Refugee population in Gambella region





UNHCR Ethiopia
The UN Refugee Agency
SUB-OFFICE GAMBELLA

as of 31 May 2018



com atividades não só de primeira evangelização mas ao mesmo tempo de formação especificamente profissional.

Vejam os com alguns pormenores os três diversos tipos de intervenção atual:

1. CAMPOS DE REFUGIADOS DE PUGNIDO

Pugnido, pequena cidade situada a mais de 100 km de Gambela no interior da região, foi desde os anos 80 do século xx uma presença católica importante. Quando nos inícios dos anos 90 as Irmãs Missionárias da Caridade de Madre Teresa foram chamadas para gerir as intervenções humanitárias em favor dos deslocados do Sudão em guerra, tiveram de enfrentar a emergência de um campo de refugiados de etnia Nuer em território maioritariamente de etnia Anuyak. Depressa as tensões étnicas aconselharam as Irmãs de Madre Teresa a estabelecer-se na cidade de Gambela e só em 2006 os Salesianos, já em Gambela desde 2001, puderam garantir uma presença estável na atual Missão de Pugnido, onde os dois salesianos presentes – P. Giorgio Pontiggia e P. Filippo Perin –, além de dar assistência religiosa a cerca quinze capelas Anuyak, prestam também serviço pastoral nos atuais dois campos de etnia Nuer e no de etnia Anuyak, este último ‘aberto’, cujas pessoas podem deslocar-se e frequentar



COURSES OFFERED

- METAL WORK/ARC WELDING
- MOTOR VEHICLE MECHANICS
- ELECTRICAL/SOLAR LIGHTING
- MASONRY
- CARPENTRY / JOINERY - CABINET MAKING
- PLUMBING
- TAILORING
- DRESSMAKING
- SECRETARIAL
- COMPUTER STUDIES
- ENGLISH COURSES



Escola em Pugnido



a vizinha missão de Pugnido e usufruir dos seus serviços (asilo, oratório diário, paróquia). No total os três campos têm uma população de 50.000 pessoas.

2. CAMPO DE REFUGIADOS DE JAWI

A 20 km de Gambela, na estrada principal que liga a Adis Abeba, as autoridades locais, desde há cerca de 4 anos, identificaram a área na qual dar hospitalidade aos refugiados Nuer, saídos do Sudão do Sul, principalmente devido à guerra civil em curso no País e secundariamente devido à dificuldade de aceder a meios de subsistência numa área por 4-5 meses alagada pelas chuvas sazonais. E é assim que agora 80.000 pessoas, assistidas pelas principais organizações governamentais e não-governamentais, se encontram a sobrepovoar esta área, também ela em território Anuyak. Desde os inícios, foi pedido à Igreja

Católica do Vicariato de Gambela que intervesse no campo da educação, o que levou à abertura de duas escolas elementares. Entretanto os católicos sul-sudaneses presentes no Campo reuniam-se para rezar nos fins de semana em duas diferentes tendas criadas para o efeito; o passo seguinte consistiu em pedir um sacerdote que oficiasse aos domingos nas Confissões e na santa Missa; desde há mais de um ano, os salesianos de Gambela, primeiro com o padre Miroslav, agora substituído pelo padre Joemary, asseguram a assistência espiritual as duas capelas católicas (cerca de 2.000 fiéis) dentro do Campo de Jawi, uma dedicada a S. Mateus e a outra a S. João.

3. CAMPO DE NGUENYYIEL

Ao longo da estrada asfaltada principal que liga o Sudão do Sul e Etiópia, a cerca de 40 km de Gambela, a uma dezena de quiló-





metros no interior da sobredita estrada principal, foi inaugurado há cerca de três anos este novo Campo de Refugiados que alberga ao todo cerca de 90.000 pessoas provenientes do vizinho Sudão do Sul e, portanto, de etnia Nuer, pessoas que fogem da guerra e da fome. O Campo, devido ao grande número de refugiados, foi subdividido em três zonas, para facilitar as intervenções. Do ponto de vista da assistência religiosa, um sacerdote diocesano visita regularmente o Campo. A partir deste ano, 2018, foi-nos pedida a nós, Salesianos de Gambela, uma intervenção no setor da formação profissional em parceria com o VIS, organização não-governamental italiana que desde sempre trabalha com os Salesianos. Em particular foi identificada, em diálogo com os responsáveis locais, a necessidade de favorecer a aquisição de conhecimentos profissionais, que permitissem depois um emprego

concreto dentro do campo de refugiados. Foram assim ativados, desde fevereiro a maio de 2018, breves cursos profissionais nos seguintes setores: carpintaria, construção civil, corte e costura e finalmente cabeleireiro de senhoras. Cada curso compreendia 35 estudantes escolhidos por uma comissão local do Campo, para um total de 140 estudantes (na maioria senhoras jovens) que completaram o curso com obtenção de certificado. Além disso, os 140 jovens receberam também no fim do curso um kit de material para poder começar a trabalhar por conta própria, um dos objetivos previstos de tal intervenção. A nós salesianos, além da presença e supervisão do projeto, foi pedido o contributo dos nossos instrutores, especialmente no setor da carpintaria e da construção civil; ao todo, cerca de umas dez pessoas que do 'College Don Bosco Gambela' se deslocavam ao Campo de Nguenyiel, para depois à noite regressar à cidade. A cerimônia de entrega dos Certificados, simples e comvente, selou este projeto de intervenção que no futuro poderá mesmo repetir-se.



A nós, Salesianos de Gambela, presentes nesta zona de fronteira, não só geográfica mas também humana, parece-nos poder identificar nos jovens refugiados aqui presentes os pobres para os quais nos remete o próximo Capítulo Geral 28; a nós compete abrir-lhes novos horizontes de futuro e de esperança.

P. Filippo Perin, sdb

KAKUMA “Não lugar”

Foi a guerra civil no Sudão que, em 1992, obrigou milhares de pessoas a fugir para o Norte do Quênia e dar origem àquele que agora é um centro habitado – e uma casa – para muitos.

Kakuma, que numa das línguas locais significa “**não lugar**” nasce assim, no deserto, na fronteira entre o Sudão, a Uganda e a Etiópia, para acolher os refugiados que fogem das guerras, perseguições civis e religiosas, e das carestias do continente: Sudão e Somália principalmente, depois Sudão do Sul, Burundi, Ruanda, Uganda, Etiópia, Eritreia e República Democrática do Congo.

Com os seus quase 195.000 habitantes, Kakuma é um dos maiores campos de refugiados do mundo. O campo é um bairro da lata, ameaçado pelo calor, pelas tempestades de areia, pelas inundações na estação das chuvas, pela falta d’água e de diversos serviços; e é gerido essencialmente pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, e pela Cruz Vermelha Internacional.

Os Salesianos chegaram a Kakuma já em 1991 e iniciaram as atividades em 1993. Atualmente são os únicos – desde o ano 2000 mais precisamente – autorizados a viver de modo estável dentro do campo ao lado das pessoas, procurando compartilhar as suas dificuldades e ajudá-las a construir oportunidades de crescimento.

A vida aqui decorre com muitíssima lentidão, as pessoas vivem numa contínua situação de expectativa em que é difícil construir, fazer projetos, sonhar. É assim que alguns perdem o sentido da existência e se tiram a vida. Os Salesianos procuram dar uma resposta ao vazio que muitas vezes reina no coração de muitos refugiados, dando-lhes de novo a esperança através de atividades recreativas, educativas e de formação profissional, sobretudo para muitíssimos jovens: 50% da população tem entre os 15 e 35 anos.

Pode-se passar muitos anos no campo, mas aquele tempo infinito pode ser empregado de forma construtiva: pode-se aprender a ler e a escrever, a contar e sobretudo pode-se aprender uma profissão útil para quando se sair do campo, ou já durante a permanência – porque Kakuma, precisamente, é uma autêntica cidade.

Formação, escola, oportunidades. Todos os anos os salesianos e os seus colaboradores formam cerca de 4.100 estudantes. Apesar da ajuda internacional, a alimentação não basta e, portanto, é necessário de algum modo conseguir trabalhar. Para isso é preciso ter uma profissão e pelo menos saber a língua inglesa ou o swahili para comunicar-se nesse ambiente internacional. Os estudantes são rapazes, moças, homens e mulheres dos 18 aos 35 anos. Alguns vêm com os filhos, as mães até com os recém-nascidos, outros são ex-meni-





nos-soldados. Desde o início da presença salesiana, formaram-se cerca de 40.000 jovens que regressando à pátria puderam começar a trabalhar.

Há quatro centros de formação profissional no campo.

Atualmente, está-se a construir outro centro na cidade para oferecer a possibilidade de formação também à comunidade local, porque para os locais não é fácil entrar no campo e, por isso, pensamos em abrir um centro fora, que receba, quer refugiados, quer a comunidade local. Este será o quinto centro de Dom Bosco.

Vemos também que esta é uma atividade que lhes permite ter um rendimento económico aqui no campo. De outra forma, ficariam em casa sem fazer nada, porque aqui as pessoas não têm emprego, não conseguem encontrar trabalho nem modo de se autosustentar. Portanto, quem tem a possibilidade de aqui re-



ceber uma formação pode procurar trabalho. Alguns encontram-no dentro do campo junto das várias organizações presentes. Por exemplo na construção das casas.

Os salesianos têm um Centro Ju-

venil. É belo ver que, mesmo vindo de Países e etnias diferentes, aqui os jovens se reúnem e desenvolvem juntos diversas atividades. Nós ensinamos-lhes os princípios morais e diversas atividades desportivas: sobretudo futebol, voleibol e basquete. Depois das atividades lúdicas, reunimo-los e damos-lhes a “boa-noite”, em que procuramos animá-los para enfrentar o dia seguinte.

Neste contexto, muitas vezes marcado pelo desespero, se insere a esperança cristã. Sem imposições, a evangelização dos salesianos é proposta com o testemunho pessoal: evangeliza-se compartilhando com os refugiados as

Chamo-me **Gendanie Manaste Nionkoru**. Sou congolês, pertencço à tribo Banyamulenge. Enquanto estava a trabalhar no campo, em 2009, veio um homem da tribo Bembe e disse-me que, na aldeia de Karunja, os guerrilheiros Mai Mai, tinham atacado e matado todas as pessoas pertencentes à tribo Banyamulenge. Disse-me que corresse à aldeia no caso de ter familiares porque tinham matado todas as pessoas. Enquanto me dava estas informações, sentia-me confuso porque o meu irmão vivia ali e também a minha mulher e os meus filhos. Naquele instante decidi correr a toda a velocidade para aldeia



Mal cheguei, fui diretamente a casa do meu irmão e vi que ele e a mulher tinham sido mortos. Tinha sucedido na noite anterior. Depois fui ao quarto dos seus filhos que estava cheio de sangue. Todos os seus filhos tinham sido massacrados. A casa do meu irmão ficava em frente da minha no outro lado da rua. Quando cheguei a minha casa para saber como estavam a minha mulher

e os meus filhos, dei-me conta que não havia ninguém. Ao ir para lá, vi que algumas canoas transportavam as pessoas que tinham escapado ao massacre.

Mais tarde, também subi nas canoas e fui levado para a Tanzânia, onde procurei a minha família. Depois ainda, fui levado para o campo de refugiados de Kakuma, onde tive a alegria de reencontrar a minha mulher e os meus quatro filhos.

O meu sonho é que os meus filhos vão à escola. Por isso pedi ao sacerdote que me ajudasse a comprar uma lousa. Ele aceitou. Uma das minhas filhas tem uma bolsa de estudo. Rezei a Deus por isso e agradeço-Lhe.

Deus fez um milagre. Ela conseguiu entrar na escola e as despesas estabilizaram. Foi inscrita na escola de Angelina Jolie onde há também o internato. O nosso sonho é poder regressar a casa em paz.

mesmas dificuldades de vida, mas com a esperança de quem tem Cristo no coração. No campo, integra-se harmoniosamente a promoção humana, a evangelização, o primeiro anúncio e o diálogo interreligioso. Os refugiados têm um grande sentido religioso e comunitário, constituindo assim a evangelização uma forte componente integrativa.

E evangeliza-se mostrando um estilo de vida diferente, confiante e ativo, mesmo na pobreza. Propondo a todos, mas sobretudo aos jovens, atividades educativas e formativas específicas mediante a pastoral da paróquia do campo que se anima em particular ao domingo para a Santa Missa. Uma oportuna estratégia



pastoral é o acompanhamento espiritual dos cristãos mediante as Pequenas Comunidades Cristãs. São pequenas estruturas nas quais algumas famílias que vivem perto se reúnem para a oração e a partilha da Palavra de Deus. São mais de cem.

Mas Kakuma continua a ser um campo de refugiados. Imenso e em pleno deserto, entre o Norte do Kenya e o Sudão do Sul. Está a desenvolver-se quase como cidade independente mas, sem a presença de ajudas humanitárias e sobretudo sem intervenções educativas e

formação profissional, como as que os Salesianos oferecem, seria uma enorme prisão sem esperança de resgate humano. Um ‘não lugar’...

Majros tem 29 anos. Sempre viveu com o tio paterno e apascentou cabras. Majros era um menino frágil, de saúde débil. Só quando, por pouco tempo, o pai voltou da guerra, é que Majros pôde receber tratamento e sarar da doença que durante anos o acompanhara. Majros chegou a Kakuma em 2006 e recorda com gratidão o encontro com os Salesianos.

Vivia com meu pai. A minha mãe e os meus outros irmãos não estavam conosco. Na minha família somos oito filhos. Somos quatro rapazes, na realidade seríamos cinco, mas um morreu, e quatro meninas. A minha mãe deixou-nos com o meu pai. Ele cuidava de nós, trabalhava como soldado e ocupava-se também de tudo o mais.

Em Kakuma tenta-se sobreviver. E por quanto possível — neste “não lugar” em pleno deserto — tenta-se projetar um futuro para quando o próprio País for seguro e se puder regressar para lá. Não me sinto em casa, porque o campo não é seguro. Aqui a vida



das pessoas não está muito protegida. Apesar de estarmos num campo de refugiados podemos ser assaltados, sobretudo de noite.

Estar com os Salesianos ajudou-me muito a deixar-me envolver, a interagir e a conhecer muitas pessoas dentro do contexto salesiano. Ainda antes de trabalhar para eles, já me sentia a fazer parte da família de Dom Bosco. E isto ajudou-me a crescer como pessoa. O que mais me falta aqui são os meus pais. Viver com muitas pessoas não é difícil para mim porque os Salesianos ajudaram-me a socializar com os outros. Quando penso na minha casa,

logo sinto o desejo de regressar para estar com a minha família e também para ajudá-la.

Fui batizado no Sudão e depois, quando vim para aqui em 2007, decidi receber a Crisma. Frequentei o curso de preparação durante todo o ano e em 2008 fui confirmado como cristão na paróquia. O meu sonho é um dia ser Salesiano.



PALABEK

A oeste do Chifre da África, entre o Sudão do Sul e a República Democrática do Congo, na zona dos Grandes Lagos, o pequeno país da Uganda acolhe atualmente mais de 1 milhão e meio de seres humanos em fuga dos pequenos e grandes conflitos que levaram ao aumento dos campos de refugiados. Palabek, quase na fronteira setentrional do País, tornou-se ponto de chegada de milhares de homens, mulheres e crianças sul-sudaneses. Isto foi possível graças também à generosidade do governo local e da população que abriram a sua nação ao acolhimento dos seus irmãos e irmãs africanos. Com efeito, na Uganda os refugiados têm muitas facilidades de documentação, autorizações de trabalho e mobilidade. A maior parte dos habitantes do campo humanitário de Palabek são senhoras, crianças e os idosos que conseguiram fugir. Os homens ficaram a combater e a defender o pouco que havia.

Na Uganda a **vida dos refugiados** é mais humana do que noutros Países. Os campos, por exemplo, são chamdos assentamentos e,

pouco a pouco, é entregue um lote de terreno de 30 metros quadrados onde construir uma pequena habitação e ter alguns metros de horta para cultivar.

O trabalho é muitíssimo. O número de refugiados cresceu rapidamente. Atualmente calcula-se que haja mais de 43.000 provenientes do Sudão do Sul. Há pessoas que precisam de tudo porque fugiram só com a roupa que traziam no corpo e os filhos nos braços.

Os salesianos estão em Palabek desde a abertura do campo em 2017 e já conquistaram o coração das pessoas. Hoje há uma comunidade missionária internacional: dois salesianos da R. D. do Congo, dois da Índia e um da Venezuela. Ocupam-se da animação nas comunidades cristãs espalhadas pelo campo, evangelizando com simplicidade. Educam



crianças e jovens através da escolarização, oferecendo-se como ponto de referência para o seu crescimento, em apoio às famílias.

O trabalho é incessante. A comunidade salesiana condiz as dificuldades das pessoas e testemunha o Evangelho com o acolhimento e a atenção para com os mais marginalizados e débeis, isto é, os jovens, os idosos e os doentes.

Inaugurou-se, faz pouco tempo, um Centro de Formação Profissional com a possibilidade de atender 750 alunos por ano.

- Pretende-se, em 2019, abrir uma escola secundária para 700 alunos por ano, dando prioridade às meninas adolescentes.
- Há um dinâmico Centro Juvenil para atividades culturais e desportivas. Em parte já está ativo, sem muitas estruturas ainda, com cerca de 600 jovens e crianças.
- Juntamente com o Centro de Formação



Profissionais estão a organizar-se Cooperativas Agrícolas em 20 localidades em redor do campo, de modo a dar apoio aos refugiados e às comunidades locais.

- Há uma comissão para a prevenção e resolução de conflitos.
- Estão a fazer perfurações de poços de água.
- Sonha-se também para 2020 a instalação de uma rádio comunitária.

A respeito da **Evangelização**, existem já no campo oito centros de evangelização e está-se a começar a visita aos outros estabelecimentos

ou campos de refugiados. Em Palabek, mais de 50% dos refugiados são católicos.

Dos destinatários cuida a comunidade salesiana juntamente com um grupo muito empenhado de leigos. Há 6.100 crianças e jovens, mais de trezentas famílias das aldeias circundantes e do campo.





Rose «Sou professora de escola materna e primária. Quando rebentou a guerra em Pajok, os soldados chegaram, cercaram-nos e começámos a ouvir disparos por todo o lado. Corri a casa e não havia lá ninguém, regressiei à escola mas já não encontrei ninguém. Desatei a correr por todo o lado porque as crianças já não estavam lá. Corri até que cheguei a Ngomoromo, onde encontrei alguns dos meus filhos, mas outros tinham sido presos: uma das minhas filhas foi presa e metida na prisão. Foi isto que aconteceu em Pajok».



Moses «Venho de Pajok. Quando ali chegaram os soldados, tive de fugir da minha casa que foi destruída. Só tinham ficado os velhos. Disseram-nos que fôssemos embora e eu respondi-lhes que era só uma pobre cabana. Eu e a minha mulher cáimos por terra no meio dos arbustos. Eles voltaram para trás e puseram-se a rir dizendo: “estes são velhos, não os matemos, vão morrer porque os filhos deles fugiram e ninguém virá ajudá-los. Não gastemos as nossas bolinhas”. Assim ficámos nós velhos, sem nada para comer nem para beber». «Fugimos para a Uganda e chegámos a Ngomo-



Padre Lazar Arasu «Vi uma pequena comunidade de cristãos a rezar debaixo das árvores. Aproximei-me do catequista, apresentei-me e disse: “Sou sacerdote e quero celebrar a Missa”. Era o dia do *Corpus Domini*, 18 de junho de 2017. Em poucos minutos, preparámos uma maravilhosa celebração eucarística. No fim da Missa, o catequista pediu-me que voltasse na semana seguinte. Olhei à minha volta e respondi: “Claro que volto”. Quando vim na semana seguinte, encontrei um grupo de quase 400 pessoas debaixo de uma árvore enorme. Fiquei comovido. Disseram-me que havia quase um ano que não tinham assistido a uma Missa. Desde então, comecei a vir ao campo quase todas as semanas». «86% da população do campo é constituída por mulheres, crianças e jovens. E mais de 60% são adolescentes ou crianças. Obviamente, há crianças com menos de 13 anos; são centenas e milhares. Estas crianças e jovens, vulneráveis, que vivem no campo, são o motivo pelo qual nós aqui estamos, o motivo para nos empenharmos na sua educação e evangelização, em cuidar deles e dar-lhes uma formação integral».



romo. Tivemos de andar devagarinho. Agora tentamos sobreviver: não há lenha para cozinhar, nem produtos para comprar, comemos feijões e papas de milho e, quando se acabam, pedimos aos vizinhos. Só Deus nos ajuda a continuar vivos».

Bispo Estou muito satisfeito com o trabalho dos Salesianos porque muito rapidamente responderam às necessidades pastorais dos refugiados. Têm em projeto criar escolas e, portanto, o futuro das novas gerações que aqui se refugiaram está assegurado, porque receberão instrução e, quando voltarem para o seu país, poderão desempenhar um papel de liderança. Está também a construir-se a Escola Técnica, que é muito útil para as pessoas porque podem adquirir competências profissionais. Creio que é uma abordagem abrangente. Não nos ocupamos só das necessidades do corpo, mas também das do espírito. O maior desafio que estou a enfrentar ao refletir sobre a guerra é o de compreender como podemos despertar para o sentido de humanidade, para sermos humanos uns para com os outros, de modo que ninguém se sinta estrangeiro na companhia de outro ser humano, porque nós somos de facto uma espécie única no planeta. E temos de aprender a viver como uma só família, unidos, em harmonia e em paz.



Testemunho de P. Papi Reddy, sdb

Padre Papi Reddy é um jovem missionário salesiano da Província de Guwahati, Índia (ING). Imediatamente após sua ordenação sacerdotal, foi enviado para a abertura da presença salesiana no assentamento de refugiados em Palabek, Uganda, em 2017. Atualmente é missionário no sul do Sudão.



Sou o P. Papi Reddy. Sou Indiano e vim para a Uganda a trabalhar no campo de refugiados de Palabek. Venho da Província norte-oriental, chamada Inspeção de Guwahati. Sou padre novo; fui ordenado há três meses e vim como missionário.

O lugar chama-se “Don Bosco Palabek refugee settlement” e situa-se na fronteira entre a Uganda e o Sudão do Sul, no distrito de Lamwo. Da fronteira ugandesa ao Sudão do Sul são apenas 40 km. No campo há 43.000 pessoas. A maior parte fala Achioli, Lutuku, Lango, Bari e, alguns poucos, Dinka. Vêm das dioceses de Pakok e Torit, no Sudão do Sul.

Há alguns meses, estas pessoas, enquanto andavam a trabalhar nos seus campos, ouviram disparos e não sabiam exatamente que fazer em suas casas. Pegaram nas poucas crianças que tinham à sua volta e correram para a floresta durante dois dias sem nada. Quando chegaram à fronteira entre o Sudão do Sul e a Uganda, o País não estava preparado para os acolher. Passados alguns dias, concluiu-se o registo e as pessoas começaram a chegar e este campo começou a receber um grande número de pessoas.

Há pessoas que continuam a chegar também agora por problemas de segurança, problemas familiares, sobretudo pela educação e o alimento.

A minha experiência no campo em tão pouco tempo tem sido forte e enriquecedora. Houve momentos em que me sentava com as pessoas e chorava porque as suas histórias

eram muito tristes e comoventes. Não têm alimento nem roupa, estão preocupados com os filhos espalhados pelo campo, alguns familiares morreram durante a viagem. Era muito duro escutar estas narrações...

A experiência mais bela que tive... Dois meses após minha chegada ao campo, um domingo, batizei 30 pessoas numa pequena capela a que demos o nome de S. Pedro e S. Paulo. No fim da Missa, uma mulher cega veio ter comigo e pediu-me: Padre, por favor, abre o Evangelho de João e sublinha os versículos em que diz “Com efeito Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito”. Fiquei surpreendido por ela ser cega, pois não podia ler nem ver. Fiz o que ela me tinha pedido; abri o Evangelho, sublinhei as palavras e entreguei-lho. Pouco depois, pegou na Bíblia e foi para a entrada da igreja. Dado que a Missa tinha terminado, as pessoas passavam por ali, ela parava e convidava cada pessoa a unir-se ao grupo, dizendo: “Com efeito Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito”. As pessoas sentavam-se, escutavam-na e falavam com ela. Para mim foi uma das experiências mais belas: aquilo que a mulher fez naquele dia especial era catequizar e conduzir as pessoas para Deus. Estas pessoas têm muitíssimos sofrimentos psicológicos causados pelos problemas familiares, pelas lutas quotidianas no campo. Quando alguém lhes fala de Deus, de perdão e amor... Essa mulher foi uma grande inspiração para mim.

Ela era cega; e nós não esperávamos que



uma pessoa cega pudesse fazer qualquer coisa de grande. Essa mulher estava cheia da força de Deus e andava a difundir a boa nova.

Foi uma das experiências mais belas: permitiu-me ver que Deus me tinha enviado para aqui com um objetivo: fazer alguma coisa por estas pessoas, mesmo em situações devastadoras. Isto foi para mim um encorajamento enorme.

Esta mulher volta todos os domingos e ao vermo-nos diz: “Padre, como estás?”. Repete-mo também em língua Achioli. Esta é a experiência mais bela.

A experiência mais... triste? No campo?... Eu nunca venho de carro ao campo para que as pessoas não penssem que há padres ricos. Por isso venho de bicicleta. Chego, sento-me, falo com eles, giro.

Ao fim de três meses e meio da minha permanência criei, no campo, o grupo dos jovens. Houve alguns jovens que vieram ter comigo e me disseram: “Padre, precisamos falar contigo”. E eu respondi: “Com certeza! Quando quiserdes!”.

Chamaram-me à parte e perguntaram-me: “Podemos dizer-te um segredo?” E eu respondi: “Claro que sim, estou aqui para vos ajudar”. Disseram-me: “Visto que tu ajudas os jovens, queremos levar-te a um lugar onde há dois rapazes que estão muito mal”. E eu disse: “Ok”. Levaram-me a um lugar onde eu abri uma capela dedicada a Domingos Sávio.

Quando ali cheguei, havia dois rapazes deitados, sem roupa, num lugar miserável. Perguntei: “Que aconteceu? Como é possível que eles estejam nestas condições?”. “Padre, eles não têm ninguém. Chegaram aqui depois de dois dias de caminho pela floresta. Não têm alimento, não têm roupa e estão

quase a morrer”. Quando me aproximei, sentei-me e a única coisa que consegui fazer foi... chorar.

Não sabia o que fazer. Fui imediatamente a casa a buscar alguma coisa para eles comerem. Peguei nalgumas peças de roupa do contêiner e levei-lhas. Dei-me conta que estavam cheios de medo e muito calados. Sentei-me, escutei-os, falei com eles.

Enquanto escutava as suas histórias, de como tinham escapado à guerra, à situação existente no Sudão do Sul, de como tinham chegado até aqui, eu não sabia o que fazer. Estava sentado e chorava. Passado pouco tempo, disseram-me: “Padre, obrigado, obrigado por teres vindo. Tu vieste ter connosco como Deus para nos ajudar”. Fiquei muito comovido. Senti verdadeiramente por que Deus me enviou para este lugar. Acredito que há um objetivo para tudo.

Esta experiência dramática, tão intensa, ajudou-me a reforçar a ligação com os jovens. Agora quando circulo, os rapazes dizem-me “Abuna, ciao! Abuna, ciao! Anda, anda! ”. E sinto-me feliz por ter aprendido a sua língua.

Eles ficaram muito contentes, muito comovidos. Sinto-me coração a coração a dialogar com eles. Consigo verdadeiramente tocar as suas vidas e eles sentem-se felizes.

Para mim é fantástico, e agradeço a Deus por isto e pela experiência que fiz. Prometo a Deus que darei o meu melhor como missionário neste campo de refugiados de Palabek.

Digo aos meus superiores: Por favor, não me mandem embora daqui tão depressa. *Deus seja bendito!* ■



Testemunho de P. Charles Taban, sdb

Charles é um padre salesiano e vem de Wau, do Sudão do Sul. Ele conheceu os salesianos no Quênia, para onde fugiu após a guerra civil em seu país. No momento, ele é ecónomo em El Obeid (Sudão). Ele é muito bom em se relacionar com os jovens em seu ambiente.



A história da minha vocação

Tínhamos ouvido tantas histórias de guerra, mas, na maioria dessas histórias, a guerra acontecia sempre numa terra distante. Embora tivéssemos visto desalojados na minha cidade, nos anos '90, e já tivesse ouvido horríveis histórias de derramamento de sangue e visto nos seus rostos as inconfundíveis cicatrizes da violência, e também o sofrimento das suas crianças malnutridas..., não podia imaginar que uma tal situação estaria à porta de nossa casa em janeiro de 1998, quando uma guerra a sério atingiu o nosso lar e aconteceu debaixo dos nossos olhos. Já não eram filmes de guerra que víamos nos ecrãs de televisão..., mas uma experiência ao vivo, de fazer gelar o sangue nas veias.

Foi nesta confusão dilacerante que saí de minha casa juntamente com alguns dos meus amigos, pensando que voltaríamos dali a umas horas, pois tínhamos a certeza de que os rebeldes teriam controlado a situação e a or-

dem bem depressa seria restabelecida em nossa cidade... Mas foi só uma ilusão. Enquanto as notícias sobre os horrores perpetrados pelos órgãos de segurança do governo, sobre os impiedosos assassinos de jovens continuavam a chegar-nos, convencemo-nos de que também tinha chegado a hora de fugir e de renunciar ao sonho de rapidamente voltar para casa.

Encorajados pelos outros, tivemos de percorrer centenas de quilômetros através do matagal em busca de um destino que pudesse oferecer-nos paz e sobrevivência. A nossa viagem ultrapassou a minha mais desenfreada imaginação. Muitas vezes os meus companheiros e eu viajávamos a pé. Bem depressa descobrimos que era melhor caminhar à tarde e de noite, para evitar ser capturados pelas forças governamentais ou ser obrigados a juntar-nos aos vários grupos de rebeldes em ação no território. Caminhar de noite, embora com a vantagem de estar mais fresco, tinha os seus riscos, dado que os animais selvagens – em particular os carnívoros – estão mais ativos naquelas horas. Aprendemos a reconhecer os diversos sons da noite e sabíamos quando parar, quando mudar de direção e quando não havia perigo e podíamos continuar. Outra vantagem de caminhar de noite era que as cobras (em particular as venenosas) habitualmente não se encontram. Depressa se tornou evidente que a vida não podia continuar assim por muito tempo. Após cinco meses a viver nas zonas controladas pelos rebeldes e correndo o perigo de ser obrigados a alinhar no exército, e a combater ao lado dos rebeldes, decidi procurar uma vida melhor na África





Oriental. E assim o Quênia tornou-se o meu destino. Após alguns dias de cansativa viagem a pé e, de vez em quando, na carroçaria de um caminhão, encontrei-me finalmente na fria cidade de Nairóbi, sem nada para me proteger do frio, exceto o amor de Deus, que me tinha acompanhado em todos aqueles difíceis dias. Mesmo os troços desta viagem feitos de camiã, foram cheios de aventuras. De costume viajávamos em camiões de transporte de animais. Os bovinos ocupavam a carroçaria propriamente dita e as pessoas iam empoleiradas em cima, agarradas à estrutura metálica que na origem devia sustentar uma cobertura de tela encerada... O risco de estar empoleirados lá em cima pode ver-se neste incidente. Uma vez um dos meus amigos distraiu-se e não se deu conta que o camiã em que viajávamos passava muito perto debaixo de uma árvore de acácia espinhosa. Baixou-se rapidamente, mas não o suficiente como seria necessário naquela noite. De facto, quando ia deitar-se, ao despir as calças tropeçou nelas e caiu. Que tinha sucedido? Quando o camiã passou muito próximo daqueles ramos, um pico aguçado de acácia tinha-se espetado nas calças que ficaram presas, sem que ele se tivesse dado conta em todo o dia!

Mas voltemos a Nairóbi... Depois de uma noite sem dormir devido ao frio da cidade, um bom samaritano encontrou-me e levou-me para sua casa durante dois dias, e ajudou-me a entrar em contacto com várias pessoas. O último contacto que fizemos foi com os Salesianos de Nairobi, que me acolheram sem qualquer hesitação e me trataram não como um estranho, mas como um jovem que tinha uma desesperada necessidade de atenção. Apesar de ser estrangeiro e refugiado, nunca me senti excluído, mas tratado como qualquer rapaz queniano.

No princípio de 1999, fui enviado para Embu a frequentar estudos superiores e ali começou uma nova fase de experiências na minha vida. O espírito de família vivido, quer pelos Salesianos quer pelos estudantes de

'Don Bosco Embu', acendeu uma espécie de fogo no meu coração que me levou a sentir-me completamente à minha vontade. Em Embu, nunca me senti estranho, mas acolhido: o colóquio amigável com os salesianos, os pequenos gestos de cortesia e de amor que os salesianos tinham comigo, acenderam no meu coração o desejo de ser como eles, para por minha vez poder estar próximo e atento aos outros jovens, necessitados da minha atenção.

A reviravolta da minha história vocacional aconteceu no Tríduo Pascal de 2001, durante um retiro de jovens em que participei em Nairóbi. A experiência do recolhimento e da oração permitiu-me ver a minha vida com um sentido de gratidão a Deus pela sua proteção durante aqueles dias na savana do Sudão do Sul enquanto caminhava entre as minas, os animais ferozes, de estômago vazio, sem água potável. Ele guiou-me e protegeu-me ao longo do caminho para a minha nova casa no Quênia e para muitas ocasiões em que cuidou de mim. Por fim, o retiro desafiou-me a fazer algo de tangível para exprimir a minha gratidão a Deus. A expressão tangível da minha gratidão a Deus tornou-se a minha decisão final de consagrar a minha vida a Deus como salesiano. A generosidade e a hospitalidade de muitas famílias quenianas nos vários lugares em que vivi naqueles dias e o cuidado, o amor e as palavras de encorajamento que recebi dos Salesianos, continuaram a convencer-me do amor que Deus me mostrou e contribuiu também para alimentar o meu caminho vocacional em direção à vida de consagração pelos jovens. Os desafios encontrados durante os meus anos de formação inicial foram difíceis, mas o desejo de ser salesiano para servir os jovens menos privilegiados motivou-me continuamente. Agora como salesiano, os desafios para viver a minha vocação hoje são diferentes e mais difíceis do que os dos dias da formação inicial. Todavia a Graça de Deus continua a guiar-me e o esforço de permanecer fiel faz a diferença. ■

Testemunho de Daniel Kolonga, sdb

Daniel Kolonga é originário de Torit, no Sudão do Sul. Ele conheceu os Salesianos no campo de refugiados de Kakuma, no norte do Quênia, onde ele havia chegado quando menino com a avó, fugindo da guerra. Ele ficou impressionado com os salesianos e seu trabalho e pediu para se tornar como eles. Para fazer isso, ele retornou ao Sudão do Sul. No momento, ele está estudando Filosofia em Nairobi, em preparação para sua missão.

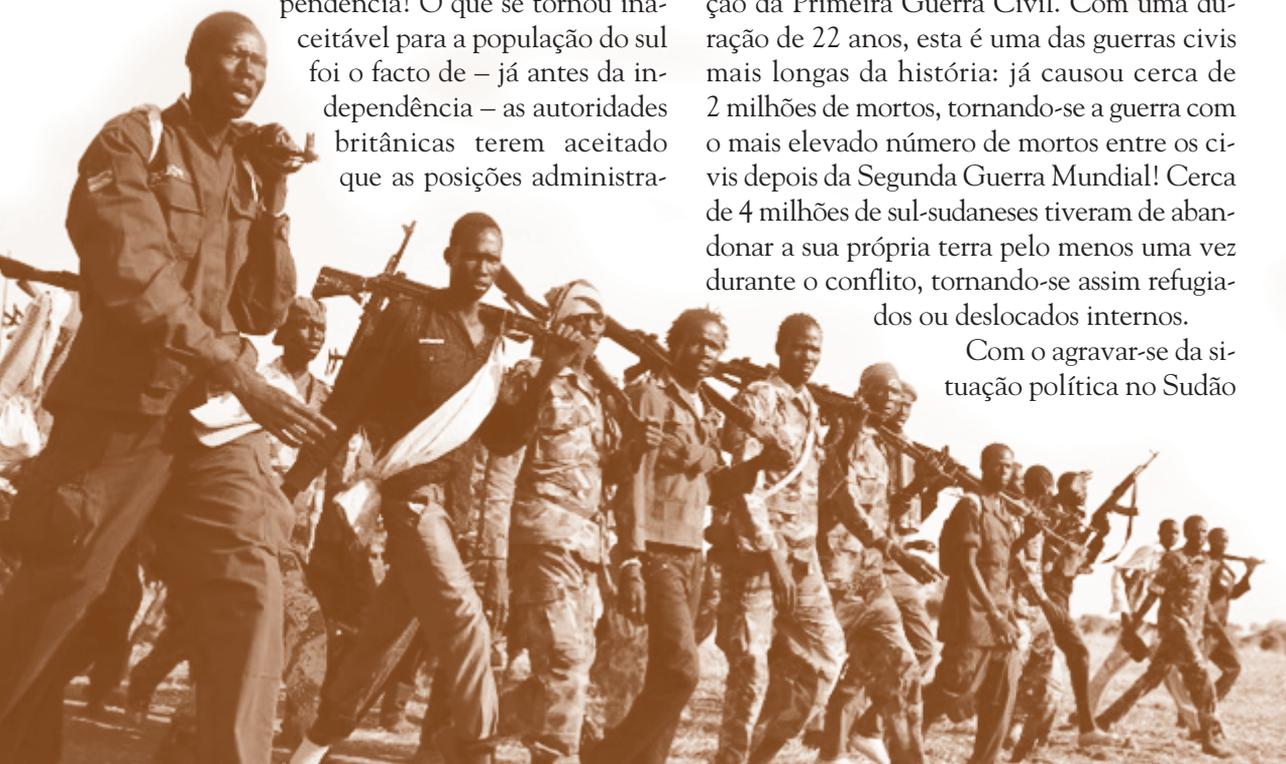


Salesiano porque encontrei testemunhas

O meu País está em guerra “desde sempre”... A primeira guerra civil sudanesa começou em 1955 e durou até 1972. Foi uma herança do domínio britânico e viu os “rebeldes” do Sudão do sul, meridional, combater contra os sudaneses do norte. Os do sul exigiam mais representação e mais autonomia regional no Estado que estava apenas a ser criado. Na realidade, a guerra civil começou ainda em 1º de janeiro de 1956, antes da celebração da independência! O que se tornou inaceitável para a população do sul foi o facto de – já antes da independência – as autoridades britânicas terem aceitado que as posições administra-

tivas do Sul fossem ocupadas por sudaneses do norte, quando havia entre os sudaneses do Sul administradores capazes. O árabe foi também imposto como língua no Sul, onde a língua utilizada para a educação tinha sido a inglesa. Quando a guerra terminou em 1972, muitos do sul continuavam ainda descontentes e a situação piorou até que explodiu a Segunda Guerra Civil Sudanesa em 1983, que durou até 2005. Esta foi na realidade uma continuação da Primeira Guerra Civil. Com uma duração de 22 anos, esta é uma das guerras civis mais longas da história: já causou cerca de 2 milhões de mortos, tornando-se a guerra com o mais elevado número de mortos entre os civis depois da Segunda Guerra Mundial! Cerca de 4 milhões de sul-sudaneses tiveram de abandonar a sua própria terra pelo menos uma vez durante o conflito, tornando-se assim refugiados ou deslocados internos.

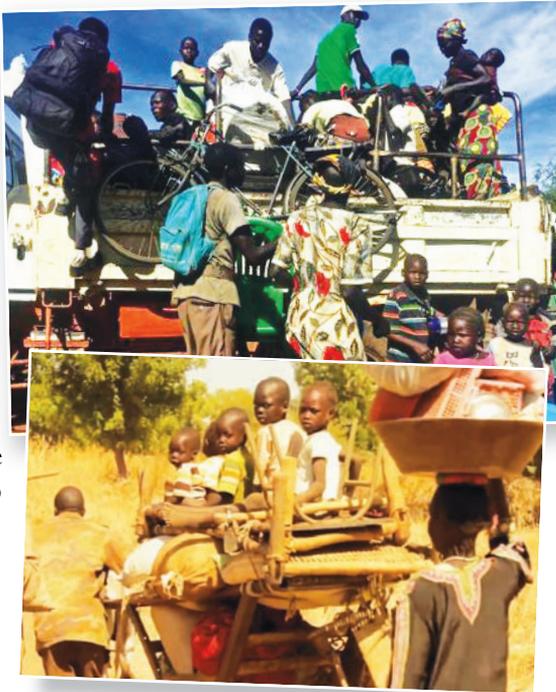
Com o agravar-se da situação política no Sudão





devido à guerra civil, a vida tinha-se tornado tão difícil que me vi obrigado a procurar refúgio em qualquer lugar. Por consequência, fugi e encontrei-me com a minha avó no campo de refugiados de Kakuma, na parte setentrional do Quênia. Havia pessoas de muitas nacionalidades que viviam no campo pelo mesmo motivo: a instabilidade social e política nos seus respectivos Países. Organizamo-nos sob a tutela da UNHCR que fornecia instrução, assistência sanitária, alimentação, proteção e segurança no interior do campo. A alimentação era racionada. Além do que nos chegava através do UNHCR, nada mais havia, portanto não era uma vida de bem-estar e de alegria, mas muito a custo de sobrevivência. Conseguimos sobreviver com três quilos de alimentação por pessoa durante duas semanas ou às vezes seis quilos ao mês, quer de farinha de milho quer de trigo. Isto implica que se deva comer só uma vez ao dia para chegar até à distribuição seguinte. A vida era muito dura, mas era melhor do que viver no meio dos projéteis.

O UNHCR não era a única agência a serviço dos refugiados. Os Salesianos de Dom Bosco ofereciam também outro tipo de serviços, que eram mais especiais porque eles eram a única agência que vivia mesmo com os refugiados no campo. Cuidavam da dimensão espiritual do crescimento humano através de uma paróquia com dez capelas espalhadas pelo campo. Ofereciam também cursos técnicos gratuitos. Além disso, ajudavam-nos, a nós jovens, a crescer social e humanamente e a aceitar a nossa identidade, mediante cursos



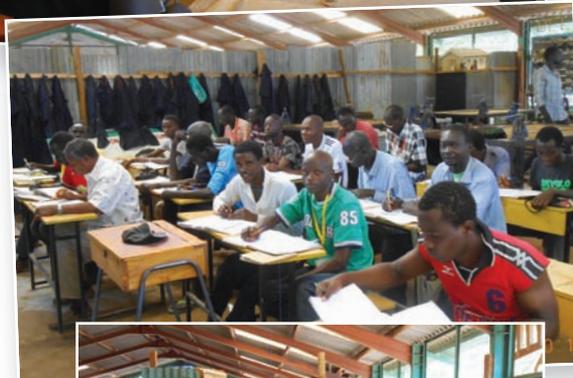
de formação e programas de animação, como: seminários, *workshops*, programas de promoção da paz, aquisição de habilitações para a vida, representações teatrais, coros e festas musicais, e muitas outras atividades educativas que mantinham os jovens envolvidos e empenhados. Se bem que as agências das Nações Unidas organizassem também algumas

destas atividades, como os festivais de teatro e os desportos, não era a mesma coisa, porque podiam ver a diferença entre as ONGs (que desenvolviam estas atividades por razões financeiras) e os Salesianos (que organizavam tudo com tanto empenho, mas gratuitamente, com uma sincera preocupação pelo nosso crescimento e desenvolvimento).

Havia também muitos momentos de formação dos jovens para a educação à fé através da catequese, estudos bíblicos, grupos de oração e até momentos de oração – de casa em casa – com os membros da família, especialmente ao serão. O culminar de todas estas atividades foi, para mim, quando um salesiano me batizou em 2005. Esse foi o início da minha vida cristã. Comecei a ser envolvido em muitas atividades da Igreja, como visitar os doentes nos hospitais e também ajudar outras pessoas nas comunidades, mediante o trabalho comunitário com o grupo de jovens.

E precisamente no meio destas atividades e na interação com os Salesianos, senti o chamamento a partilhar a minha vida com os outros tal como aqueles Salesianos que se dedicaram a nós e nos ajudaram a aceitar-nos

a nós mesmos e a sentir-nos seres humanos completos com dignidade, fé, convicções, valores, histórias para narrar. Foi muito difícil para mim dizer que os admirava e aspirava a ser salesiano, porque temia ser mal entendido e não ser aceito pelos Salesianos, dado que era um refugiado. Todavia, aconselhei-me com o diretor e pároco daquele tempo. Após diversos colóquios e oração, ele decidiu criar um grupo vocacional no campo. Juntei-me ao grupo e, juntamente com um amigo meu, orientámos o grupo com a ajuda do catequista. Era um grupo ativo: juntos trabalhámos muito para favorecer o crescimento da nossa fé cristã. Rezávamos o terço juntos todas as manhãs antes da Eucaristia e depois íamos às aulas. Quando, por fim, expressei o desejo de ser salesiano, foi-me dito que deveria entrar na Congregação no meu País. Graças às ligações estáveis com o diretor, consegui fazer-me salesiano no Sudão do Sul. Embora tenha sido difícil convencer a minha família a respeito da minha vocação, finalmente, após quatro anos, aceitaram escrever a carta de recomendação da parte da família, dado que era um requisito para entrar na Congregação. O Superior do Sudão do Sul encontrou-se então com a minha mãe. Outros salesianos encontraram-se com alguns membros da minha família alargada. Por fim, com outros sul-sudaneses, fomos o primeiro grupo a iniciar a formação de pré-noviciado



em Gumbo-Juba, no Sudão do Sul.

Como salesiano, hoje, encontrando-me no meio dos jovens, estou grato aos irmãos que viveram com alegria a sua vocação salesiana no campo de refugiados, dando-nos esperança para o futuro, voltados para os outros, independentemente da nossa história atribulada. Com efeito, o chamamento de Deus é para todos aqueles que respondem com alegria.

Sem dúvida, o acompanhamento vocacional é crucial. Recordo um salesiano que me aconselhou a ser paciente durante três anos, quando os meus familiares se recusavam a acei-

tar a minha opção porque pensavam que, sendo o primogênito, devia ajudar o meu pai a cuidar dos meus irmãos mais pequenos. Não foi fácil, mas agradeço aos irmãos que me acompanharam e guiaram no meu percurso vocacional. A sua guia modelou a minha compreensão da vida religiosa e purificou o meu desejo vocacional inicial. A minha vocação agora significa estar com os jovens, porque encontro neles o significado da minha vida, dado que é através deles que posso testemunhar o amor de Deus, que verdadeiramente experimentei por intermédio dos salesianos no campo de refugiados.

Refletindo sobre a minha história vocacional, é evidente que o facto de vivermos com alegria a nossa vocação salesiana edifica também muitas outras pessoas. ■



Dois anjos Acholi: David e Gildo, mártires

Nas áreas onde se encontram diversos campos de refugiados dos povos *Acholi*, que fogem do Sudão do Sul para a Uganda, há já uma tradição de evangelização, santidade e martírio, que é a dos mártires Acholi.

Em 1911, os Missionários combonianos abrem a sua primeira missão em Gulu, no norte da Uganda, na África Central. Dali a pouco, a sua ação irradia em várias direções no País que na altura é uma colônia inglesa. Em 1915, fundam a estação missionária de Kitgum. Mas ali os Padres encontram-se com a hostilidade dos protestantes, que chegaram a seguir aos ingleses e se depararam com a desconfiança da população local.

Batizados e crismados

À volta do lume, ponto de encontro da aldeia, os missionários tomam conhecimento com os vários clãs dos Acholi, tribo que vive nessa região. Pouco a pouco, vai-se dissipando a desconfiança das pessoas em relação a eles, de modo que os missionários são identificados de maneira bastante diferente dos protestantes. Em resumo, os Acholi enviam os seus filhos a Kitgum para aprender a catequese católica e receber o batismo.

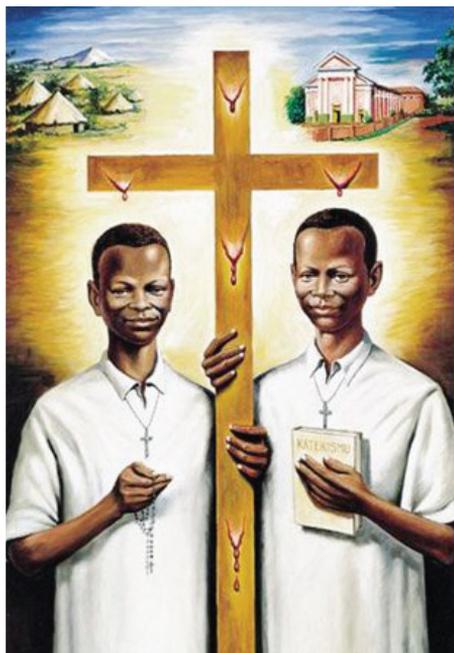
No início de 1916, são administrados os primeiros nove Batismos solenes. Uma grande alegria, porque os missionários vieram para converter as almas a Jesus Cristo e batizá-las em Seu nome, na Igreja Católica. Naquele ano, de aldeias diferentes, chegam também à missão

David Okelo e Gildo Irwa. O padre Gambaretto, um dos missionários, recorda como Gildo ainda criança veio ao seu encontro com muita alegria.

Os dois rapazes frequentam a catequese, abrem-se à fé e afeiçoam-se a Jesus, e no fim decidem-se por Ele. Em 16 de junho de 1916, são batizados; no dia 15 de outubro do mesmo ano, sempre juntos, recebem Jesus na primeira Comunhão e são crismados. David tem entre 14 e 16 anos, Gildo entre 10 e 12: a sua idade é calculada mais ou menos a olho, pelos missionários, não havendo documentação escrita que certifique a sua data de nascimento.

Recebidos os Sacramentos, David regressa por algum tempo à sua aldeia; mas um dia volta à missão a pedir dinheiro para ajudar a família do seu irmão António, que de vez em quando se deslocava a Paimol para dar catequese: e ali foi morto. Durante aquela visita, pede aos Padres para ocupar o lugar deixado vago por António e dar catequese.

O seu pedido é aceito e durante alguns meses vai a Paimol para dar a conhecer Jesus e o seu Evangelho. O pequeno Gildo, pelo contrário, passa grande parte do seu tempo na missão a ajudar as irmãs com os seus pequenos serviços. Em 1917, surge uma epidemia de varíola que dizima a população, enquanto os feiticeiros das diversas aldeias invocam os espíritos para afastar o mal. Mas estas reuniões fazem alastrar ainda mais o contágio. Assim, na missão de Kitgum abre-se também um lazareto.



Nós estaremos juntos

No dia 1º de novembro de 1917, Gildo pede para ser adjunto de David no seu trabalho de catequista em Paimol. Os dois rapazes dizem ao padre Gambaretto: «Se quiseres, vamos nós dois a Paimol». O Padre expõe as dificuldades, a fome que alastra e a barbárie de muitos elementos da população, e conclui: «Voltai cá amanhã. Entretanto pensamos nisso». No dia seguinte, os dois apresentam-se com as suas esteiras e pedem para ser catequistas tal como se pede uma grande graça.

O P. Gambaretto responde: «Portanto, estais prontos para Paimol? Sabeis que a gente daquele lugar é tão má e tu, Gildo, és tão pequeno!».

«Mas o David é grande e nós estaremos juntos».

«E se vos matarem?».

«Iremos para o Paraíso».

«Está também o P. António, acrescenta David, e eu não temo a morte. Jesus não morreu por nós?».

O missionário comove-se: «Padre, não tenha medo – diz Gildo –, Jesus e Maria estão conosco».

O Padre entrega o Catecismo, Terços e livrinhos aos dois rapazes e, depois de rezarem juntos uma ave-maria, partem para a sua missão.

Em Paimol são acompanhados até junto de Bonifácio Okot, o chefe catequista, e recebem com respeito pelas autoridades da aldeia.

Assim, no dia seguinte, começa o seu trabalho de catequistas. David, juntamente com Gildo, ao início do dia, reúne os que vêm à catequese, para as orações da manhã, a que se segue o Terço a Nossa Senhora, não podendo os dois catequistas participar na santa Missa quotidiana.

Durante o dia, David e Gildo vão de uma aldeia para outra a anunciar Jesus, a dar catequese, a fazê-Lo conhecer e amar. Nos intervalos de trabalho dos seus “discípulos” maiores, dão catequese às crianças, tanto debaixo de uma árvore como na planície aberta. Gildo presta uma grande ajuda a David a reunir os

mais pequenos. Sabe falar de Jesus com especial fascínio, e também entretê-los com jogos divertidos.

No domingo, participam juntos na santa Missa, sempre com a Comunhão, depois de se terem confessado ao missionário: crescem na união com Jesus, no amor cada vez mais forte por Ele, prontos para qualquer boa ação e para qualquer sacrifício. Distinguem-se, no meio dos costumes grosseiros de alguns dos seus conterrâneos, pela singular pureza e bondade de vida: sabem aparecer como dois anjos em carne e osso, descidos do céu.

Os rapazes da aldeia, pouco a pouco, são conquistados pelo seu simples testemunho. Começa-se a construir uma pequena capela. E assim nasce lentamente a comunidade cristã: antes da ‘*plantatio Ecclesiae*’, a obra dos dois catequistas...

Não pelas palavras dos brancos

Não há dificuldades com a população. A vida prossegue serenamente, com os primeiros frutos de bem que estão para ser recolhidos. Depois, de improviso, em outubro de 1918, desencadeia-se a luta entre os chefes das tribos da zona e os feiticeiros tornam-se cada vez mais agressivos contra o catolicismo, a religião estrangeira, como dizem entre eles.

Entre sábado, 19, e domingo, 20 de outubro de 1918, chega Paimol o catequista-chefe Bonifácio para passar o domingo com David e Gildo. Mas explode uma violenta agitação: irrompe o ódio contra eles. O verdadeiro ‘*odium fidei*’ é palpável no ar. Segue-se uma extenuante discussão em que os rapazes afirmam: «Estamos aqui não pelas palavras dos brancos, mas pela nossa Fé». Bonifácio faz-lhes sinal que fujam, mas David e Gildo respondem: «Trabalhamos na mesma obra para Nosso Senhor Jesus Cristo, morreremos juntos por Ele». Bonifácio consegue saltar para a bicicleta e fugir. Gildo e David ficam. Na segunda-feira, dia 21 de outubro de 2018, por volta das 4 horas, cinco homens enfurecidos, chegam à cabana onde dormem os dois rapa-



zes. Depois de os espancar, arrastam-nos para fora com força. David chora: «Socorro... Não voltarei a ver a minha mãe!». Gildo conforta-o: «Por que choras? Se te matarem, és um inocente, um amigo do nosso Deus».

Estão a escorrer sangue. David, vencido o desalento, responde: «Eu estou aqui não para levar os bens de ninguém, mas para fazer conhecer a minha fé em Jesus Cristo, Filho de Deus».

Arrastado para fora da aldeia, é morto com um golpe de lança.

Gildo protesta: «Também eu sou catequista e ensino a religião como David. Trabalhamos juntos e juntos devemos morrer». Também ele é arrastado para fora da povoação para ser morto. Nos últimos suspiros, enquanto o sangue lhe sobe na garganta, declara: «Agora iremos para o Paraíso». Os seus carnílices sepultam-nos sumariamente na terra ainda molhada de sangue.

Em 1962, Dom Vignato recolhe o que resta dos seus despojos. Mas ao chegar a Paimol,

encontra um grande número de pessoas. Muitas delas testemunham que se tornaram cristãs por ocasião do duplo martírio de David e Gildo, e sabem ainda falar ao Prelado dos dois tão jovens mártires.

Os seus restos são então depostos na igreja de Kitgum onde ainda hoje se encontram, como alicerce da comunidade católica que também eles ajudaram a gerar.

O sangue dos mártires, havia escrito Tertuliano, é semente de novos cristãos. Isto é verdade também na África.

A causa de beatificação é retomada em 1996. A 20 de outubro de 2002, Dia Mundial das Missões, o Santo Padre João Paulo II inscreve entre os Beatos do Céu os nomes de David Okedo e Gildo Irwa, mártires porque na sua breve existência amaram e fizeram amar o Senhor Jesus e foram imolados por Ele.

Ambos obra da Graça divina e da sua resposta incondicional ao Senhor Jesus.

Paolo Riso

S. Josefina Bakhita

A jovem sul-sudanesa, Santa Josefina Bakhita, é ao mesmo tempo um paradigma do sofrimento atual do povo sudanês e sul-sudanês (conflitos, tráfico de pessoas, movimentações forçadas) e um sinal da esperança cristã: a dignidade profunda de cada ser que nasce do seu ser-Filho/Filha de Deus e redimido/redimida por Cristo. Também aquele Cristo que ensinou Bakhita a amar, a acolher, é o mesmo Cristo que hoje, no continente africano, encoraja a solidariedade de milhares de cristãos e não cristãos que acolhem e são solidários com quem perdeu tudo.

Bakhita, raptada entre os sete e nove anos, das zonas do Darfur, ainda hoje zonas de sofrimentos, violações dos direitos humanos,

campos de refugiados; e vendida nos mercados de El-Obeid e Khartoum, experimentou humilhações físicas e morais, e os sofrimentos da escravidão. Na capital sudanesa, Cartum, Bakhita foi comprada pelo vice-cônsul italiano, o senhor Callixtus Legnani. Pela primeira vez, desde o dia em que foi raptada, teve a agradável surpresa de que ninguém usava o chicote contra ela, dando-lhe ordens; ao contrário, foi tratada com amor e cordialidade na residência do Vice-Cônsul. Bakhita experimentou pela primeira vez paz, calor e alegria, apesar de uma velada nostalgia pela sua própria família que, talvez, tivesse perdido para sempre.

Bakhita diz: “Durante todos estes anos que

permaneci naquela casa [de um general turco, seu quarto proprietário] não recorde te passado um dia sem feridas e humilhações. Quando uma ferida do chicote começava a sarar, outros golpes caíam sobre mim”. Diz que a mais aterrorizadora de todas as suas recordações foi quando ela (em comum com outras escravas) foi assinalada por um processo de descarnadura semelhante à tatuagem. Cortavam-lhe a pele e enchiam as feridas com sal para manter cicatrizes permanentes. Fizeram-lhe um total de 114 intrincados desenhos nos seios, na barriga e no braço direito.

Quando a família do Vice-Cônsul regressou à Itália, Bakhita decidiu acompanhá-los. A jovem africana, que tinha atingido a maioridade, gozava da liberdade de escolha garantida pela lei italiana. Bakhita fez o catecumenato e, depois de ter recebido os sacramentos da iniciação cristã, sentiu o chamado para ser religiosa e entregar-se a Deus no Instituto de S. Madalena Canossa, cujas Irmãs tinham cuidado dela e lhe tinham ensinado a fé. Entrou no noviciado e fez a primeira profissão em 1896. Foi depois destinada à casa de Schio onde passou o resto da sua vida. Viveu longos e dolorosos anos de doença. A religiosa Bakhita continuou a testemunhar o bem e a esperança cristã. Àqueles que a visitavam e perguntavam como estava, respondia: “Como o Mestre deseja”. Durante a sua agonia, despertou os terríveis dias da sua escravidão e mais de uma vez disse à enfermeira que a assistia: “Por favor, desaperte as cadeias: estão muito apertadas”.

Foi a nossa Santa Mãe Maria que a acom-



panhou até ao último respiro. Suas últimas palavras foram: “Sou tão feliz... Nossa Senhora! Nossa Senhora!”, como para testemunhar o seu encontro com a Mãe do Senhor.

Uma jovem estudante perguntou certa vez a Bakhita: “Que farias, se tivesses que te encontrar com os teus raptadores?” Ela respondeu sem hesitação: “Se tivesse de me encontrar com aqueles que me raptaram, e também com aqueles que me torturaram, ajoelhar-me-ia e beijaria as suas mãos. Porque se isto não tivesse aconte-

cido, não seria cristã e religiosa.

Bakhita tomou conhecimento daquele Deus, que já tinha sentido no seu coração sem saber quem era, desde pequena. Ao ver o sol, a lua e as estrelas, ela dizia a si mesma: “Quem poderia ser o Mestre destas coisas tão belas?” E sentia um grande desejo de o ver, de o conhecer e de o reverenciar.

A herança de Bakhita é que a transformação é possível através do sofrimento. A sua história de libertação da escravidão física ilumina também todos aqueles que encontram significado e inspiração na sua vida para a sua libertação da escravidão espiritual. Depois da sua Beatificação, o Papa João Paulo II, ao visitar o Sudão, disse: “Alegra-te, África inteira! Bakhita regressou a ti! Bakhita – a filha do Sudão, escrava vendida como um pedaço de mercadoria viva e todavia sempre livre! Livre com a liberdade dos santos!”.

Toda a história da sua vida foi um exemplo excepcional de esperança cristã.

Raymond Ladu, sdb



PROJETO PALABEK



No campo de Palabek há **oito grandes comunidades cristãs** que dão atendimento a cerca de 6.000 católicos. Só **três delas têm uma capela simples, de chapas de zinco**, que pode receber entre 500 e 600 pessoas. A comunidade contribuiu com a mão de obra na construção desses centros quer para o culto, quer para encontros comunitários.

O material para toda a construção

– chapas, madeira, pregos... – custa 9.500 euros.

O projeto atual se propõe dotar os cristãos do campo de refugiados com um centro minimamente digno para as suas celebrações. Palabek precisaria construir 5 (cinco)

desses centros. Além de Palabek, outros campos de refugiados, em que há congolese e sul-sudaneses, estão a pedir a presença pastoral dos salesianos.

Este projeto atende àquilo que normalmente as agências humanitárias não podem fazer.

Agradecemos antecipadamente a todas aquelas Inspetorias que puderem colaborar na realização del tal projeto missionário



Para as ajudas, pode-se depositar o que se conseguir coletar pelas suas Inspetorias, na conta:

9030013129796

IBAN, BIC, SWIFT: **SBICUGKX**

Banca: **Stanbic Bank Uganda Limited**
Corporate Branch Kampala-Uganda

Nome da conta: **Salesian of Saint John Bosco Uganda**

Motivo: **Capela para os refugiados de Palabek**

Deus abençoe a todos aqueles que se solidarizarem com este Projeto.

Ó Deus, Pai de todos,

em vosso amor

Vós nos lembrais a alegria que se sente
em dar e receber hospitalidade.

Ajudai-nos a abrir o nosso coração para acolher a todos,
especialmente aqueles que se encontram

longe da sua terra e dos seus entes queridos.

Nós vos apresentamos, em particular, a situação
dos migrantes, dos refugiados e dos desalojados
que se encontram na África.

Fazei que o nosso coração se deixe dilatar pelo vosso Espírito

a fim de que também nós saibamos
reconhecer naqueles que acolhemos

os anjos, os mensageiros

da vossa presença,

que Vós continuamente

enviais ao mundo.

Amen.



Setor das Missões
Sede Central Salesiana
Via Marsala, 42 - 00185 Roma
Tel. (+39) 06 656.121
e-mail: cagliero11@gmail.com

Redacção: Setor das Missões Salesianas
Fotos: IME Comunicazione s.r.l.
Pôster: IME Comunicazione s.r.l.

Gráficos e Impressão: Tipolitografia Istituto Salesiano Pio XI
Tel. 06 7827819 / 06 7848123 • tipolito@donbosco.it